This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

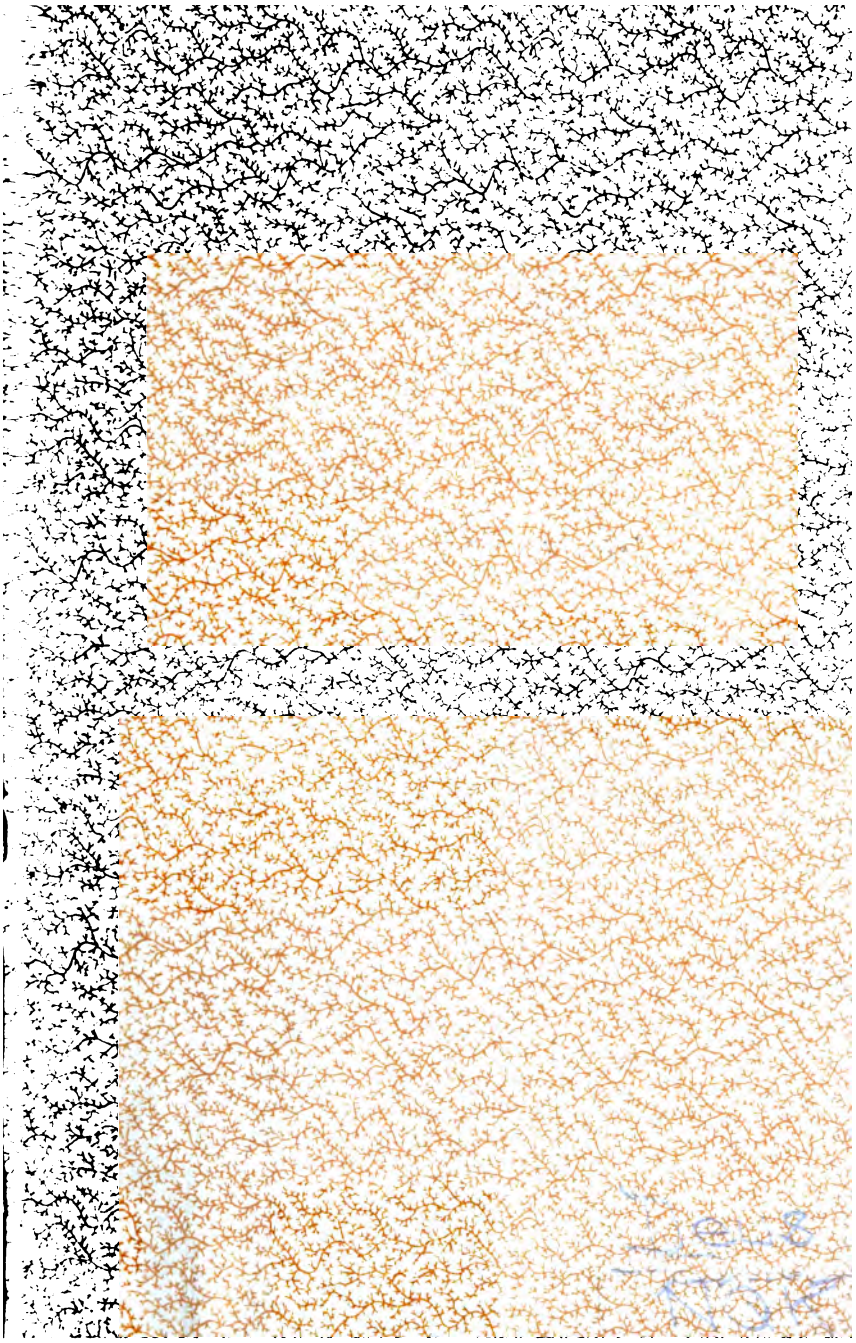
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

3 3433 07437934 2



2185

703652

JOÃO DE DEUS

FOLHAS SOLTAS

PORTO
LIVRARIA UNIVERSAL
DE
Magalhães & Moniz, Editores
12 — Largo dos Loyos — 14
1876

1. Poetry (Portuguese)
2. Deus — : Flores do campo.

FOLHAS SOLTAS

A propriedade d'este livro, no imperio do Brazil, pertence ao snr. Joaquim Augusto da Fonseca.

JOÃO DE DEUS

FOLHAS SOLTAS

NEW YORK
PUBLIC
LIBRARY

PORTO
LIVRARIA UNIVERSAL
DE
Magalhães & Moniz, Editores
12 — Largo dos Loyos — 14
1876

Σ.(4).

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
703852
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1915 L

Porto: 1876 — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira
62, Rua da Cancella Velha, 62

* * *

Que vos disse, meus olhos tentadores?
Ah! Disse o que, se ha muito vos não digo,
É porque nunca em vida achei abrigo,
Senão dentro em mim mesmo, ás proprias dôres!

Nem um só de meus timidos olhares
Que não levasse um férvido gemido,
Mas que nunca podia ser ouvido
Da pomba, que voava n'esses ares:

N'essas alturas onde tudo é brilho,
Harmonia, pureza, formosura;
Nas regiões da placida candura...
Tão distantes dos tramites que trilho;

Dos tramites onde ando taciturno,
Insensivel, inerte, ouvindo a espaços
O echo surdo de meus proprios passos
Como o voar d'um passaro nocturno;

D'este carcere frio, escuro, immundo
D'esta vida sem vida, esta cadeia,
Onde uma vaga luz me bruxuleia
Como o pallido olhar d'um moribundo.

Mas tu, oh luz do céo! cheia de graça!
Tu, cuja cinta meço a toda a hora,
Tu, para mim, és o listão da aurora
Que me encobre a montanha da desgraça.

Em te avistando ao longe, — como eu pinto
Já d'outra côr o céo! Mal te ouço o vôo,
Como eu digo contente: eu te abençôo,
Oh dia em que nasci! Eu amo! eu sinto!

Olhos azues!... Os teus
São d'um azul tão dôce
Que, ainda que não fosse
Creado o céo por Deus,
Elles eram uns céos!

*

Quando a luz dos teus olhos contemplo
Sinto a alma banhar-se-me em luz,
Como aquella que espalha n'um templo
Uma lampada ao pé d'uma cruz.

Sinto o que eu talvez nunca na infancia
Pude ao collo materno sentir;
Sinto Deus á mais curta distancia...
Sinto o que eu te não posso exprimir!

Vai-me a alma no vago delirio
De innocente que o somno enlevou...
E, assim como a essência de um lirio
Vôa ao céo, a minha alma voou.

Anjo meu tutelar! não me dizes
Porque fitas em mim esse olhar?...
Se ha no mundo quem ame infelizes,
És tu só, anjo meu tutelar.

NO RETRATO D'UMA MENINA

Anjo! quem do céo vos trouxe,
E vos perdeu?
Desterro que isto não fosse,
Quanto não era mais dôce
Viver no céo!

A...

Mulher! foges-me? espera!
Eu nunca te fiz mal!
Tu és a primavera
D'este profundo valle!
A ti que te afugenta?
A dôr que me atormenta?
Mas essa dôr augmenta
Uma affeição leal!

Aqui não raia o dia!
Aqui não raia a luz!
Tu és quem me allivia
O pêso d'esta cruz...
E, se é do meu desgosto
Que afastas o teu rosto...
Nunca te houvesse eu posto
Os olhos, como puz!

Nunca tivesse eu visto
Em vida esse olhar teu,
Bello como o do Christo
Olhando para o céo!

. . . . . .

Passavas, como rainha;
E eu, que andava como morto,
Parece que me sustinha
No ar, em extase, absorto...
É ella, dizia eu;
A minha estrella do céo!

Passavas, lançando em tôrno,
Como a lua em noite amena,
Aquelle olhar dôce e môrno,
Que me dava gosto e pena...
Pena de não ser só meu
Esse reflexo do céo!

Mal sabes como em nossa alma,
Á luz d'uns olhos que attrahem,
A tempestade se acalma
E as nuvens negras se esvaem!
Como a luz d'um olhar teu
É uma benção do céo!

De tal maneira me encanta
Que até andei, por exemplo,
Comtigo a Semana Santa,
Sem saber, de templo em templo.
Depois, é que me occorreu
Que esse olhar era do céo!

N'esse traje austero e grave,
Toda de preto, era um gosto
Vêr não sei que luz suave
Banhando-te as mãos e o rosto:
Era a luz, supponho eu,
Que banha os anjos do céo!

Se um dia, estrella dos Magos
Me abandonares na vida,
Deixa-me uns reflexos vagos
Como de estrella cahida...
Ao menos verei no céo
Rasto da estrella que ardeu!...

Á LUA

Mimosa noite d'amores,
Mimoso leito de flôres,
Mimosos, languidos ais!
Vergontea debil ainda,
Tremia! Lua tão linda,
Lembra-me ainda!... Jámais!

E a dhaliasinha mimosa,
E o botãosinho de rosa
Dos labios d'ella... Senhor!...
Murchavam... mas, como a lua,
Passava a nuvem... «sou tua!»
Reverdeciam de amor!

E aquella estatua de neve,
Como é que o fogo conteve
Se eu a não vi descoalhar?
Ondas de fogo, uma a uma,
N'aquelle peito d'espuma
Eram as ondas do mar!

Como os seus olhos me olhavam!
Como nos meus se apagavam
E se accendiam depois!
Como é que alli, confundidas,
Se não trocaram as vidas
E os corações de nós dois!

Mimosa noite d'amores,
Mimoso leito de flôres,
Mimosos, languidos ais!
Vergontea debil ainda,
Tremia!... Lua tão linda,
Lembra-me ainda!... Jámais!

SOL INTIMO

Os olhos, sempre que os puz
Fitos no astro do dia,
(Parece que se introduz
Tanta luz na phantasia!)
Sabem o que acontecia?
Fechava os olhos, e via
Do mesmo modo essa luz.

Assim foi certa visão
Que tive, por meus peccados!
Nunca uma breve impressão
Em meus olhos descuidados
Deu tamanhos resultados...
Que é vêl-a, d'olhos fechados,
Ainda no coração!

DESDEM?...

Dispensavas-me, em tempo, alguns olhares
Que eu escondia n'alma, com receio
De que alguem suspeitasse o meu thesoiro.
Trazia-os mais guardados no meu seio,
Do que tu ao pescoço as joias d'oiro!

Quantas vezes ungi os meus pezares,
E alliviei o coração magoado
N'essas caras memorias, recordando
As circumstancias minimas de quando
Este ou aquelle olhar me foi lançado!

Agora tu desprezas-me, porque...
Um amor ideal é sempre futil!

N'essas rasgadas palpebras apenas
Contemplo, hoje, as lampadas serenas
D'um santuario funebre... Expirei
Para teu coração como ente inutil!

.....
.....

A que nivel moral não desce a gente,
Alma filha de Deus! n'este ambiente...

MARGARIDA

Se a alma é immortal, mulher, conforme
Proclama a consciencia, emfim já gozas;
Senão, descança que era tempo; dorme.

Deus não havia de pintar as rosas
Da tua face com tamanho esmero,
Esculpir-te essas fórmas graciosas,

Dar-te uns olhos que ainda considero
O mais puro crystal d'uma alma pura,
Para desgraça tua. Creio e espero

Verificar ainda que a tortura
D'esta vida passou, e ao pranto amargo
Te succedeu o riso da ventura.

O que é a terra? um ponto. Vasto, largo,
Immenso, eterno, o espaço, onde me afundo
Á proporção que o pensamento alargo.

Eu mergulho no mar, e vejo o fundo.
Mal avisto a abobada dos céos:
Sim, meço a terra, mas não meço o mundo.

Onde eu acabo, principia Deus.
É curta a vista, curto o horisonte,
Passado o qual, aos olhos dos atheus,

Ergue no céo a luminosa fronte
A lampada da Fé... onde a nossa alma
Vai, como a corça a solitaria fonte,
Matar a sêde, que mais nada acalma.

DUVIDA

Mal sabes o que soffro n'um momento
De duvida ou ciume! Se soubesses,
Tão bem formado coração pareces,
Que me não davas nunca esse tormento.

Despedi-me de ti: os labios rindo,
Mas estalando o coração; que em summa,
Deus me livrasse a mim, por fórma alguma
De te nublar um dia o gesto lindo!

Que eu soffra, muito embora! O meu destino
Qual é senão soffrer a vida inteira?
Causa da tua lagrima primeira
É que nunca serei: não te amofino.

Quiz converter a terra em paraiso!
Vendo uma luz no céo, ergui o braço
A vêr se a apanhava n'esse espâço,
Como faz a criança sem juizo!

DEDICAÇÃO

Porque é tão alegre a carta
Que acabas de me escrever?
Tens tu já a alma farta
De suspirar e gemer?

É que quando nos devora
Uma entranhavel paixão,
Soffra a gente muito embora,
Mas a prenda amada, não!

Eu sei, sei que tu me escondes
As tuas lagrimas, sei;
E é assim que correspondes
Ao conceito que formei:

Que não ha anjos dotados
D'uma indole melhor,
E que esses olhos rasgados
Encobrem-me só a dôr!

Viu um dia um viajante,
Escriptor de toda a fé,
Em Africa uma elephante
Vir mais um filhinho ao pé.

Os indigenas começam
De lhes atirar; porém,
Quantas settas arremessam
Todas se cravam na mãi!

Porque, mettendo-se a pobre
Entre o filho e o gentio,
De tal maneira o encobre,
Que elle nenhuma o feriu.

E ella, andando mansamente,
Lambendo-o, para mostrar
Que não vê, não ouve e sente
Coisa alguma de espantar,

O consegue pôr a salvo,
Com toda a satisfação
De ter sido só o alvo
Dos tiros da multidão.

Ha no mundo acaso indicio
De dedicação maior;
Prova, extremo, sacrificio
De mais verdadeiro amor?...

Tu és como a elephante
D'esta anecdota exemplar...
(Se bem que a mais rara amante
Não passa da mãi vulgar!)

Ir exhalar um gemido,
Reprimil-o dentro em nós,
Por que o não oiça um ouvido
A quem magôa essa voz:

Dizer n'uma dôr immensa:
Tem-te! á lagrima que está
D'uma palpebra suspensa,
A desprender-se-nos já:

É d'um amor verdadeiro!
É d'um infinito amor!
E por isso te amo e quero
Infinitamente, flôr!

Eu não te posso a ti dizer mais nada,
Senão essa palavra já sem força,
    Á força de empregada...
    Mas eu, timida corça
    E minha amada!
    Pomba innocente,
    Tão longe e tão presente!
Digo-a a ti... com quanta força mais,
    Mais puro intuito
    E mais razão!
Essa palavra... as syllabas são ais
Que me sahem a mim do coração...
    Amo-te muito! muito!

Á VISINHA

Eu digo, quando assoma
O astro creador:
Deus me fizesse aroma
D'alguma pobre flôr!

E digo, quando passa
Uma ave pelo ar:
Deus me fizesse a graça
D'azas para voar!

Aroma, da janella
Me evaporava eu,
Me respirava ella
E me elevava ao céo!

E quem, se eu fosse uma ave,
Me havia de privar
Jámais da luz suave
D'aquelle seu olhar?

ROSA MYSTICA

—Dize-me, rosa, em que esperança
Fundas essa louçania,
Quando, vivendo um só dia,
Mal pódes deixar lembrança.

—Exhalo em curta existencia
Uns aromas salutares,
Que ainda depois nos ares
Conservam a minha essencia.

— N'essa essencia que evapora
A tua face orvalhada,
Parece que nos quizeste,
Mimosa filha da aurora,
Mostrar a rosa celeste
Que foi tão amargurada!
Mas hoje é o sol que a veste;
E, se algum pranto derrama,
Se algumas lagrimas chora,
É um pranto que embalsama
Todo o coração que ama,
Todo o espirito que adora.

(Do hespanhol).

OLHAR...

Não é mais candido o olhar da ave!
Oh se tu bem soubesses como foi
Para a minha alma um balsamo suave
Aquelle teu olhar... Deus te abençôe!

Suavissimo, puro, intimo, terno
Como o ultimo olhar da mãi... que embora
Dure um momento, é um momento eterno...
Já me não passa aquelle olhar agora!

Nunca em peito ancioso cahiu baga
Tão suave de balsamo celeste!
É uma luz que já se não apaga,
A luz d'aquelle olhar que me volveste!

Podesse-te eu mostrar, rapido, breve
E momentaneo até, como elle foi,
Os ineffaveis jubilos que teve
Meu coração, mulher! Deus te abençôe!

ADORAÇÃO

(A Fernando Leal)

Vi o teu rosto lindo,
Esse rosto sem par!
Contemplei-o de longe, mudo e quedo,
Como quem volta d'aspero degredo
E vê, ao ar subindo,
O fumo do seu lar!

Vi esse olhar tocante,
D'um fluido sem igual!
Suave, como lampada sagrada,
Bemvindo, como a luz da madrugada,
Que rompe ao navegante
Depois do temporal.

Vi esse corpo d'ave!
Que parece que vai
Levado, como o sol ou como a lua,
Sem encontrar belleza igual á sua,
Magestoso e suave,
Que surprehende e attrahe!

Attrahe e não me atrevo
A contemplal-o bem;
Porque espalha o teu rosto uma luz santa,
Uma luz que me prende e que me encanta,
N'aquelle santo enlevo
D'um filho em sua mãi!

Tremo, apenas presinto
A tua apparição!
E, se me aproximasse mais, bastava
Pôr os olhos nos teus, ajoelhava!
Não é amor que eu sinto!
É uma adoração!

Que as azas providentes
Do anjo tutelar
Te abriguem sempre á sua sombra pura!
A mim basta-me só esta ventura
De vêr que me consentes
Olhar de longe... olhar!

CIUME

Rainha das mulheres
Te chamei eu um dia.
Recordas-te? Podia
Dizer-te ainda como
Ias então vestida.
Ai, meu vedado pômo!
Sonho da minha vida!
Não me passou ainda
Nem passará jámais
Apparição tão linda,
Curvas tão ideaes!

O garbo, a magestade
E a singeleza e graça
De teu vestido, côr
Da minha saudade...
Ainda me não passa.
Que é d'elle, meu amor?!

A graça, o ar d'arveola,
De virgem vaporosa,
Que ao longe se adivinha,
De longe nos attrahe,
E, quando se avisinha,
Quasi que a gente cahe
Em muda adoração...
Que é, senão essa aureola,
Que cerca a formusura?
— Mystica emanação
D'uma alma ainda pura!

É esse um privilegio,
Que a gente não pratíca
Jámais o sacrilegio
De attribuir em vão;
Uma divina graça
Que até nos santifica;
Um circulo, um clarão

Que banha a vista e passa
Da vista ao coração.

Eu vejo-te e sorrio,
Celeste creatura!
—Que me enche de ventura
O coração vazio?

A rosa espalha em tôrno
Deliciosa essencia:
Tu, esse fluido môrno
Que annulla esta distancia
Da nossa residencia;
Sinto-te a influencia
E aspiro-te a fragrancia.

Não tinha o pobre monge
Dentro em sua alma o céo?
Assim tambem sou eu!

Não vai d'aqui ao sol
Distancia immensa? Eu cuido
Que te irradia um fluido
Sympathico mais longe...

*

Á noite, que o lençol,
N'este calor que vai,
Quando te deitas, cai
Sobre o teu seio... eu sinto!
E, sabes que não minto,
Oh, se podesse ser...
Tu és mulher, presume
O que eu não sei dizer...
— Mordia-o de ciume...

CLARÃO

Não viste como ha pouco, descobrindo
O sol, n'um instantaneo desencontro
De duas nuvens carregadas, lindo
Que ficou tudo, céo e mar tão outro?
Por quem és!
Deixa-me vêr teus olhos um momento!
Era como se o sol, no firmamento,
Me raiasse outra vez!

* * *

Ora dize-me a verdade:
Tu já sentiste por mim
Uma sombra de saudade,
De amor, de ciume, emfim
Uma impressão que indicasse
Haver em teu coração
Fibra, corda que vibrasse
Á minha recordação?

Parece, mas o contrario;
Sim, o que devo suppôr
É deserto e solitario
O teu coração de amor.
Não digo por outro; invejo
Talvez a sorte de alguem;
Mas o que eu sei, o que eu vejo,
É que me não queres bem.

N'UM ALBUM

Eu, olhos, sei d'uns
Que, desde que os vi,
Não vi mais nenhuns...

Vê tu por ahi
Se os achas; senão,
Descubro-os a ti.

Que lindos que são!
Que modo de olhar!
Que terna expressão!

Já tenho pezar
De os vêr; porque emfim...
Que posso esperar?

Vêr fitos em mim
Taes olhos, jámais:
Decerto, e assim,

Suspiros e ais
Foi o que tirei
De vêr olhos taes.

Só vendo-os, se crê
Na graça, na côr,
No fluido, ou não sei

Que dôce esplendor!
Tão dôce, que eu
Não posso suppôr
Que exista outro céo!

OLHAR

(A Luciano Cordeiro)

Tenho, mulher, um unico desejo
Que não faz mal dizer. Quando te vejo
Dá-me vontade logo de agarrar-te
E ir depois esconder-te n'uma parte
(Na terra, não; nos céos!)
Que ninguem mais soubesse senão Deus.

Ahi, desenrolar-te as loiras tranças;
E, contemplando-te esse olhar que lanças,
—Olhar que não ha balsamo, que lave
Chagas do coração, puro, suave,
Dôce como elle é—
Sim, contemplando-o, ajoelhar-me ao pé.

E dizer-te: Mulher! em companhia
Da pessoa que te é mais cara... um dia
Passaste duas vezes, descançando
Em mim aquelle olhar suave e brando...
Em mim não sei porque...
Porque seria, pomba, que não sei?...

É desde então que um ar de madrugada,
Um principio de luz, uma alvorada,
Vaga, longinqua sim, mas permanente,
Me traz a mim o coração contente
E me faz perguntar:
«Qual seria a razão d'aquelle olhar?»

Mas, como se eu no mundo te pedisse
Que me explicasses este olhar que eu disse,
Talvez não respondesses, com receio
De profanar segredos de teu seio;
Aqui, estamos sós,
E onde só Deus nos póde ouvir a nós.

Dize-me pois; sabias o meu nome,
Conhecias-me acaso? A mim tocou-me
Aquelle olhar assim tão meigo e terno,
D'uns olhos que, até mesmo do inferno
Que os vissem estes meus,
Me inspirariam o amor de Deus!

Suppõe agora tu que me dizias:
«Aquelle olhar é o olhar que envias
Á abobada eterna a toda a hora,
Com que contemplas o raiar da aurora,
As angustias do mar
E a paz celeste em noites de luar.

«É esta vista universal dos olhos
Do nosso espirito immortal, que abrolhos
E flôres, riso e lagrimas confunde
Na grande, vasta rêde que diffunde
Do intimo onde está,
Como Deus, para tudo quanto ha.

«Eu contemplei-te a ti, como contemplo
O triste lupanar, a cruz do templo,
Um rosto virginal, o pó que elevo
Dos meus passos no tramite que levo...
Existes: e isso só
Me inspira a mim ou sympathia ou dó.

Adorna-te a virtude? Amor me inspiras.
Enodôa-te o vicio, a que fugíras
Talvez com tanto empenho e tão baldado:
És sem culpa nenhuma desgraçado;
Ou, seja como fôr,
És miseravel? Tens a minha dôr!

«Gira n'esses dois eixos simplesmente
Uma alma nobre, um coração que sente.
Não conheço o desprezo; o odio, menos.
Volvo os meus olhos limpidos, serenos
Ao throno, á cruz,
Ao assassino, á mãi, á noite e á luz.»

E pois, dizia eu, se assim fallasses,
Virgem d'intacto seio e intactas faces!
Tu amas quanto vês; eu, que não vejo
Senão aquelle rapido lampejo
D'aquelle teu olhar,
Que posso n'esta vida mais amar?!...

Para ti no vastissimo universo,
(Vê o nosso sentir como é diverso!)
Sou apenas o atomo, o argueiro:
E tu és para mim o mundo inteiro!
Para o meu coração
Posso dizer que és tu a creação!

•

A mim, nem outra bussola me guia,
Nem tambem outra estrella me alumia,
Nem eu tenho outro mundo, nem contemplo
Os mysterios de Deus n'um outro templo!
Sim, tudo se reduz
Para mim, n'este mundo, a essa luz!

E nunca me assomou ao pensamento
Ser amado... De amar-te me contento.
Achando a perfeição, a formosura
N'uma existencia assim suave e pura,
Como um beijo de mãi,
Basta que a ame, para viver bem!

A mim basta-me só, quando passares,
Como a ave do céo cortando os ares,
Dizer-te cá do valle onde me escondo:
—Olha! o sol, mal nasceu, já se vai pondo!
O astro creador!
O astro do meu dia! o meu amor!

FELIZ DE QUEM SEMPRE ESPERA

Deus cria as almas aos pares:
Cada um dos seus olhares
É um casal que voou.
Ás vezes cruzam nos ares
Essas pombinhas o vôo...
Mas Deus criou-as aos pares!

Partindo juntas d'um ponto,
Cuidam tambem que de prompto
Se tornam a encontrar;
Mas andam almas sem conto
No mundo á busca do par...
Partindo juntas d'um ponto!

A minha irmã não sei d'ella!
Ao avistar d'uma estrella,
Um filho ao collo da mãi...
Uma graça como aquella,
Só contemplando-se bem...
E a minha irmã não sei d'ella!

Levado d'aquelle encanto,
Pelo affecto mais santo
E mais profundo que ha,
Não me lembrei se entretanto
Minha irmã ficava lá...
Levado d'aquelle encanto!

Pobre d'uma alma perdida
Da sua irmã n'esta vida,
Que é um continuo gemer!
É uma noite comprida
Sem nunca lhe amanhecer...
Pobre d'uma alma perdida!

Ainda quem sempre espera
Achar a alma sincera
Que Deus lhe deu por irmã,
Talvez ache a companheira
Por quem suspira, ámanhã!
Feliz de quem sempre espera!

Nem te vejo por entre a gelosia;
Nunca no teu olhar o meu repoisa;
Nunca te posso vêr, e, todavia,
Eu não vejo outra coisa!

?...

Quem és? Um anjo! O que ignoro
E o teu nome; mas eu,
Se passo e olho, o que imploro
É amor... anjo do céo!

Dizendo-te eu o nome, e tu a mim,
Nem tu nem eu sabia mais que assim!
O que é um nome? nada! O que mais vale
É boas almas e um amor igual.

LEONOR

(12 de dezembro)

Não vês como eu sigo
Teus passos, não vês?
O cão do mendigo
Não é mais amigo
Do dono, talvez!

Ao pé d'uma fonte
No fundo de um valle,
No alto d'um monte
De vasto horisonte,
Sem ti, estou mal!

*

Sem ti, olho e canço
D'olhar e que vi?
Os olhos que lanço,
Acharem descanço
Só acham em ti!

Os ventos, que empolam
A face do mar,
E as ondas, que rolam
Na praia, consolam
Tamanho pezar?

As fórmas estranhas
De nuvens, que vão
Roçando as montanhas,
Em ondas tamanhas,
Distrahem-me? Não!

A pomba que abraça
No ar o seu par,
E a nuvem que passa
Não tem essa graça
Que tens ao andar!

Parece o pésinho,
De lindo que é,
Ligeiro e lévinho,
O d'um passarinho
Voando de pé!

No rosto, ha em torno
Da pallida oval,
D'aquelle contorno
Tão puro, o adorno
Da auréola immortal!

Não sei que luz vaga,
Mas intima luz
Que nunca se apaga,
Me inunda, me alaga,
Se os olhos lhe puz!

Eu amo-te, e sigo
Teus passos, bem vês!
O cão do mendigo
Não é mais amigo
Do dono, talvez!

DE LUCTO

Sempre fechada! sempre triste! apenas
Assomando á janella quando ha chuva...
Bem se vê que és sósinha, que és viuva
E te minam a alma grandes penas!

Mas, ouve, a vida foge, a vida vôa!
É como a onda da seara, a vida!
Eras feliz, ditosa? eras querida?
Ha quem te queira ainda e se condôa.

Homens, não digo: Deus, a natureza,
O campo, as flôres, essa praia, as ondas!...
Não te enterres em vida, não te escondas,
És moça, tens encantos, tens belleza!

Pódes amar ainda e ser amada!
Amada e mais feliz, talvez, quem sabe?
Bem é que a noite da tua alma acabe,
E a reanime a luz da madrugada!

A madrugada, que no proprio inverno
Sacode o pranto que mergulha as flôres!...
Tens chorado de mais! Novos amores!...
Só o amor é, n'este mundo, eterno!

PSALMO

Pois não crêdes em Deus, vendo-o nas flôres,
Na voz, nos labios de mulher que adora
Quando um beijo libou dos seus amores!

Eu vejo a Deus na rosa, quando chora
Lagrimas ternas, lagrimas de encanto,
Ao vêr mais uma vez raiar a aurora.

Eu vejo a Deus n'um filho que amo tanto!
Eu oiço a Deus gemer n'um seu gemido!
Eu oiço a Deus cantar, se oiço o seu canto!

Tenho-o, mais d'uma vez, adormecido,
Achado a suspirar meu proprio nome
No leito do meu anjo tão querido!

Sempre que a dôr ás palpebras me assome,
Que apalpe o coração que a dôr me rala,
O sinto junto á dôr que me consome.

Elle soffre comnosco! Elle nos falla
Pelos humidos labios do menino
Que, do collo da mãi, no chão resvala.

Elle é que a luz nos dá—pharol divino,
Centro dos sóes, dos mundos do Universo,
Que ao halito da flôr marca o destino.

Elle a face nos lambe! Elle do berço
Das aguas, se se ergueu tambem valente,
Cedro e lirio cahiu, voou disperso.

Como é grande Jehovah! Como é clemente!

MÃI DO CÉO

Torre de David!
Torre de marfim!

Virgem, Mãi do mesmo Deus!
Virgem, filha de teu Filho!
Não ha estrella de mais brilho
N'esses céos!

D'olhar fito n'esse olhar,
D'olhos fitos n'esses olhos,
Não ha baixos, não ha escolhos
N'este mar!

Vem a onda, sobrevem
Nova onda, e nada teme
Quem te vê guiando o leme,
Virgem Mãi!

Tu guardaste em gozo e dôr
Sempre n'alma a paz d'um templo:
Foste em vida o nosso exemplo,
Mãi d'amor!

Navegando, mas de pé,
N'este mar, cavado embora,
Vou na barca salvadora
Que é a Fé.

Não me assusta a multidão
De inimigos que me aggride;
Contra a *Torre de David*
Tudo é vão!

Por feroz que esteja o mar,
N'um momento fórma um lago;
Basta um só reflexo vago
D'esse olhar!

Esse olhar é quem a mim
Me encaminha e me soccorre!
O meu norte é só a *Torre*
De marfim!

Meu pharol! refugio meu!
Sol, que dia e noite brilha!
Mãi de Deus e de Deus filha!
Mãi do céo!

PADRE NOSSO

Pai Nosso, de todos nós,
Que todos somos irmãos;
A Ti erguemos as mãos
E levantamos a voz:

A Ti, *que estás lá no céo,*
E nos lanças com clemencia,
Do vasto estrellado véo
Os olhos da Providencia!

Bemdito, *santificado*
Seja o teu nome, Senhor!
Inviolavel, sagrado
Na bocca do peccador!

E *venha a nós o teu reino!*
Acabe o da vil cubiça!
Reine o amor á justiça
Que prégava o Nazareno;

De modo que *seja feita*
A tua santa *vontade,*
Sempre a expressão perfeita
Da justiça e da verdade!

Seja feita, *assim na terra*
Como no céo, onde habita
Esse, cuja mão encerra
A creação infinita!

O pão nosso, n'esta lida
De cada dia, nos dá
Hoje, e basta... a luz da vida
Quem sabe o que durará!

E *perdôa-nos, Senhor,*
As nossas dividas; sim!
Grandes são, mas é maior
Essa bondade sem fim!

Assim como nós (se é dado
Julgar-nos tambem crédores),
Perdoamos de bom grado
Cá *aos nossos devedores.*

E não nos deixes, bom Pai,
Cahir nunca *em tentação;*
Que o homem, por condição,
Sem o teu auxilio cahe!

Mas, tu, que não tens segundo
E muito menos igual,
Dá-nos a mão n'este mundo,
Senhor! *livra-nos do mal!*

VIOLETA

—Com taes aromas,
Quem supporia
Que és tão modesta,
Que mal assomas
Á luz do dia
N'esta floresta!

—Para que entendas
Que, assim veladas,
São nossas prendas
Mais estimadas.

As almas discretas
São como as violetas.

(Do hespanhol).

A CIGARRA E A FORMIGA

Como a cigarra o seu gosto
É levar a temporada
De junho, julho e agosto
N'uma cantiga pegada,
De inverno tambem se come
E então rapa frio e fome...

Um inverno a infeliz
Chega-se á formiga e diz:
—Venho pedir-lhe o favor
De me emprestar mantimento,
Matar-me a necessidade!
E, em chegando a novidade,
Faço até um juramento,
Pago-lhe, seja o que fôr!

—Mas, pergunta-lhe a formiga,
O que fez durante o estio?
—Eu... cantar ao desafio.
—Ah! cantar? Pois, minha amiga,
Quem leva o estio a cantar,
Leva o inverno a dançar.

*

AVARENTO

Puxando um avarento d'um pataco
Para pagar a tampa d'um buraco
Que tinha já nas abas do casaco,
Levanta os olhos, vê o céo opaco,
Revira-os fulo e dá com um macaco
Defronte, n'uma loja de tabaco
(Que lhe fazia muito mal ao caco...).
Diz elle então
Na força da paixão:
Ha casaco melhor que aquella pelle?
Trocava o meu casaco por aquelle...
E até a mim... por elle.

Tinha razão,
Em quanto a mim.

Quem não tem coração,
Quem não tem alma de satisfazer
As niquices da civilisação
Homem não deve ser;
Seja saguim,
Que escusa tanga, escusa langotim:
Vá para os matos,
Já não soffre tratos
A calçar botas, a comprar sapatos;
Viva nas tocas como os nossos ratos,
E coma côcos, que são mais baratos.

Indo-se a casar um gebo,
Que era gago e não podia
Pronunciar bem: *Recebo,*
Gaguejava e só dizia:
Arre... arre... cebo... cebo...

Alguem suppõe que o dizia
Com intenção... Não percebo.

Messines.

Um marido, ardendo em zelos,
Arrancou, d'um repellão,
Um punhado de cabellos
E lançou-os ao fogão.

A mulher, cheirou-lhe logo
E diz com ar espantado:
— Tu que deitaste no fogo
Que cheira a corno queimado?

(Do hespanhol).

PIRES DE MARMELADA [1]

PRIMEIRO PIRES

Marmelada! Marmelada!
Antes cá melhor viera
Quem te mandou: pois não era?
Tu d'isto não pescas nada!...

Em materias da Sagrada
E em questões de Trino e Uno
Vai-te ahi qualquer alumno
Dar sota e az no que queiras.

1 Um meu companheiro levou R no exame do primeiro anno theologico, por ir de buço, dizia elle: démos-lhe credito; e como o presidente se alcunhava Marmelada, Guimarães Fonseca escreveu e o author ditou estas duas epistolas.

Não dizes senão asneiras
E ainda em cima botando
Teu R de vez em quando!
Ha maior impertinencia?

Deves fazer penitencia,
Marmelada, do que fazes;
Bem vês que somos rapazes,
Podemos-te ir aos fagotes...

Cuidas que, porque os pinotes
Te são naturaes, e, em summa,
Quod natura..., se arruma
Pinotes em toda a gente?

Marmelada, és imprudente!
Tem juizo no miolo!
E acredita, só um tolo
É que assim se compromette!

No teu caso não se mette
Ninguem em taes andaduras:
Pôr RR nas creaturas
Que te aturaram um anno!

Não sabes que por engano
Te podiam dar ouvidos
Uma vez, e vir munidos
De asneiras, que, publicadas,

Fariam testas coroadas
Estremecer em seus thronos,
E orangotangos e monos
Nos sertões bradar: victoria!?

Ah Marmelada... chicoria!
Bicho intruso em especie humana!
Espantalho de sotana
E... Não sei que mais te chame.

Não se trata n'um exame
De comer pedaços de unto,
Bôas lascas de presunto,
Bôas postas de toicinho...

Anda-se mais de mansinho
Em cousas tão elevadas;
Taes são as cousas sagradas,
Em que entras como Pilatos!

Quando se viu de sapatos
E de gravata ao pescoço
Quem, n'este seculo nosso,
Perguntasse a outro isto:

«Cá n'este mundo de Christo,
Diga: que difficuldades,
E de quantas qualidades,
Ha ou póde haver... Não sabe?»

—Se n'essas ainda cabe
Mais uma, diz o mancebo,
Visto que nada percebo,
Peço acrescente mais uma...

Ou então que me resuma,
Em termos mais penetraveis,
As idéas ineffaveis
De pergunta semelhante.—

Isto disse o estudante
Por não dizer outra coisa...
E ferras-lhe um raposa
Sem razão sufficiente!

Ah Marmelada indecente!
É isto comportamento
De quem tem o sacramento
Do divino apostolado?

Diz-se que estavas zangado
Pelo rapaz levar buço;
Mas isso não tem rebuço
Nem o menor fundamento!

Não sabes que o Testamento
Velho e Novo nada prova
Contra essa pratica nova
De barba, pera e bigode?

Não vês que o homem não póde,
Sem renegar do seu sexo,
Quebrar o intimo nexo
Que o prende a taes distinctivos?

Todos os generos vivos
De animaes de toda a raça
Mostram que não foi por graça
Que o Senhor deu barba ao homem.

Se os sotainas a consomem
É moderna disciplina:
Não foi pratica divina
Nem dos velhos patriarchas.

Já no tempo dos Tetrarchas,
Dos Josués, dos Elias,
No tempo das tres Marias,
Se usava bigode e pera.

Era só na primavera
E em occasiões de eclipse,
Conforme o Apocalypse,
Que os judeus se barbeavam.

(N. B. Não rapavam,
A não ser algum somitico,
Como se vê do Levitico,
Senão debaixo do queixo).

Mas taes argumentos deixo,
Porque em materia sagrada
Fallar a um Marmelada
É malhar em ferro frio.

Direi só que, quando o tio
Dos filhos de Zebedeu
Um dia á tarde appareceu
De barba feita a Moysés,

A não serem dois ou tres
Dos mais valentes prophetas,
Ficava á força de settas
Alli mesmo rôto e nu!

Lê o propheta Abacuc,
E lá verás, na linguagem
D'esse grande personagem
Se isto assim foi.

(*Continúo*).

SEGUNDO PIRES

Eu dava quanto possuo
Por ter a fronte rasgada
Que tu tens, meu Marmelada,
Com presumpções de bonito!

Tudo, sim; disse, está dito.
Com essa cara bem póde
A gente escusar bigode;
Mas com outra, tem paciencia!...

Apesar da inclemencia
Da sagrada theologia,
Quem usar barba hoje em dia
Ha-de usar d'aqui em diante.

Que importa ser estudante
E andar nas sagradas letras?
Tu, que és fino, bem penetras
Que é negocio muito á parte.

Quem tiver engenho e arte,
Como tu tens (sem lisonja),
Ainda que traga esponja
Sobre o beiço, pouco importa.

Não tem toda e qualquer porta
Respectivo guardavento?
E ha-de o beiço andar isento
D'essa regra universal!

Fez-te o bigode algum mal?
Fez-te algum mal o cabello?
Não poder tomar capello
Quem tiver barbas de bode!!

Parece-me isso pagode...
E até um pouco offensivo
Da santa crença em que vivo,
Apostolica-Romana!

Pois dá a crêr que se engana
Quem julga que em theologia
Se não ensina magia
Ou coisa de tal segredo,

Que lhes mette a vossês medo
Ensinar a quem não seja
Prior ou cura de igreja...
Meus sagrados Marmeladas!

N'aquellas torres queimadas
De Babylonia, por Xerxes,
Tu não sabes que Artaxerxes
Achou oito mil navalhas?...

E, sem fallar em migalhas
De pedras-cotis partidas,
Que encheu oito mil medidas
De barbas israelitas?

Tu não sabes que os levitas,
Que andavam com a Arca-Santa,
Tinham todos uma manta
Tecida de barba preta?...

Tu não sabes que o cometa
Dos philisteus — o possante
Sansão da Cunha Violante —
Na barba é que tinha a força?

E, quando Lelia Camorça,
Amiga do sobredito,
Lhe chamuscou o pellito
E com elle a barba toda,

Houve alegria na boda
Do rei Elisiachar,
Por vêr que ia pelo ar
A valentia judaica.

O vice-rei da Jamaica,
Sabendo de tal derrota,
Fez dar á vela uma frota
Com esta deputação:

« Meu Elisiachar Pagão!
Cá fico ao receber d'esta
E mais a familia em festa
Pelo facto acontecido.

Pois por Jodes hei sabido
Que o meu intimo alliado
Apanhou Sansão rapado
E agora está como quer.

A nossa cara mulher,
Por se rapar ha bem pouco,
Tem-me trazido meio louco,
E eu sei o que é ter cabello!

Envio pois a Jorge Bello
Com os mais plenos poderes,
Da parte d'estas mulheres
E d'este humilde criado;

Ao meu intimo alliado,
Muito e muito saudar!
David póde cantar
Agora o que bem quizer;

Mas conte que ha-de perder
Tanto a fertil Patagonia
Como os campos de Sidonia
E as montanhas de Quebech,

Ancião, Melcabideque,
Dôces harpas de Sião,
Todo o reino do Indostão
E o cabo da Boa-Esperança.

Que chore como criança
Na cama, que é lugar quente!
Com isto, o mais reverente
Servus servorum tuorum,

Jamaicæ, Brasiliorum,
Solis et Lunæ, Rex. »
Que dizes, meu beefsteaks?
Meu Marmelada de borra!

O que era ha pouco uma zorra
Nas mãos d'aquelle gigante?
Tens o exemplo por diante...
E fóra o que falta ainda.

Quando a rainha Lucinda
Lhe deu um não pelas ventas,
Apanhou Sansão trezentas
Raposas, com que deu cabo,

Dando-lhes fogo no rabo,
Das searas philistinas:
A ponto de que as meninas
Do proprio rei Malas-Artes

Foram por todalas partes
A gritar fogo e mais fogo!
Logo, Marmelada, logo,
D'aqui se conclue que pêllo

Póde o homem convertel-o
Em testemunho, honra e gloria
Do Senhor Deus da Victoria:
E não tens razão nenhuma.

Mas falta-me ainda uma
Das questões, que me hei proposto
Tratar até ao sol-posto,
A respeito do assumpto.

Eu, Marmelada, pergunto
Se o que Deus faz é bem feito?
E por tanto se tem geito
Cortar a crista a um gallo?

Não tem o sino badalo?
Não tem chave a fechadura?
Não pega em luz quem procura
Alguma coisa perdida?

Confessa que é permittida
A barba a quem lhe foi dada.
E nunca mais n'esta vida
Cáias n'outra... Marmelada!

VERSOS D'ANNOS

(Ao Brandão)

Com que, cahiu na asneira
De fazer na quinta-feira
Vinte e seis annos! Que tolo!
Ainda se os desfizesse,
Mas fazêl-os... não parece
De quem tem muito miolo.

Não sei quem foi que me disse
Que fez a mesma tolice
Aqui o anno passado;
Agora o que vem, aposto,
(Como lhe tomou o gosto)
Que faz o mesmo... Coitado!

Não faça tal! Porque os annos
O que trazem? Desenganos
Que fazem a gente velho.
Faça outra coisa! que em summa,
Não fazer coisa nenhuma
Tambem lhe não aconselho.

Mas annos, não cáia n'essa!
Olhe que a gente começa
Ás vezes por brincadeira,
E depois, se se habitua,
Já não tem vontade sua
E fal-os, queira ou não queira.

THEATRO DE LISBOA

Os versos não me dão bastantes meios
De me gozar das distracções que ha:
Por isso annuncios de theatro, leio-os,
Mas leio apenas, porque não vou lá.

Porém succede ás vezes que um amigo,
Que tem namoro, ou que o deseja ter,
Não vai, diz elle, se não fôr commigo
E eu vou com elle... para o entreter.

N'um d'esses casos raros... porque em summa
O meu forte não é o lupanar,
Fui com um d'elles assistir a uma
D'essas peças que ahi costumam dar.

Se o *Barba Azul,* não sei; era notavel,
Mas não me lembra; lembra-me que ao pé
Ficava uma familia respeitavel:
— Mãi, duas filhas, pai ou quer que é.

Ellas, as tres, a qual mais elegante;
Com tanta coisa, que eu não sou capaz
De deslindar aquillo, só por diante;
E fóra o que levavam por detraz.

Elle, calvo, figura magestosa,
Ar de capitalista portuguez,
Com seus botões de pedra côr de rosa
Em punhos postos a primeira vez.

Contemplava eu o quadro, arrependido
De me não ter achado com valor
De conquistar as honras de marido
E a gloria de ser pai, ou de o suppôr,

Quando vem uma das comediantes
E por esta engraçada exclamação:
« Se vossê é seu pai, já muito antes
Ella era minha filha... Saiba então! »

Elle começa a rir assim d'esguelha
Para a mulher que estava muito sonsa;
A mãi desata a rir para a mais velha,
Que desatou a rir para a mais moça:

E eu... para todas tres; por achar graça,
Não só no dito, mais ainda mais
No chiste, na pilheria, na chalaça
D'aquellas filhas e d'aquelles paes!

EPITAPHIO

Aqui jaz um fidalgo portuguez,
Fidalgo d'uma vez.
Jaz? Não: vive na Historia;
E viverá, que ahi não ha preterito.
Teve este heroe a gloria...
Sim, o talento, o merito
De ser em mão de redea, em todo o mundo,
Uns dizem que o segundo,
Eu digo que o primeiro!
Era um soberbo e optimo cocheiro.

A MONARCHIA

Andam a dizer mal da monarchia,
Mas sem razão, fallemos a verdade;
Porque aos bons ninguem dá mais garantia
Nem pune os maus com mais severidade.

Nunca paixões de certa qualidade
Prevaleceram contra o que cumpria,
Nem consta que inspirasse a iniquidade
Despacho, lei, decreto ou portaria.

Ha setecentos annos simplesmente
Que este systema nos governa e, vêde,
Commercio, industria, tudo florescente.

Os caminhos de ferro é uma rede!
E quanto a instrucção, toda esta gente
Faz riscos de carvão n'uma parede.

* * *

Ditosa d'uma augusta personagem!
Que em exhalando o ultimo suspiro,
De quarto em quarto d'hora ouve-se um tiro,
O que é d'uma grandissima vantagem!

Nós cá temos no lucto outra linguagem,
Que é o pranto, o silencio e o retiro;
Elles, tiros de peça! Não admiro!
São pessoas d'altissima linhagem.

São pessoas reaes: os mais, abortos
Em que os cavallos do seu coche encalham;
E elles vão indo, extaticos, absortos...

Não se lhes dá das lastimas que espalham,
E ainda menos que depois de mortos
Quebrem o somno aos pobres que trabalham.

SONETO

Ella era um anjo linda e innocente.
Mas uma carniceira, a quem fez conta
Pôl-a nos talhos que ahi ha de gente,
Foi á policia, deu-lhe o nome... e prompta.

Elle é banqueiro. Entrou n'essa remonta
De pares, que se fez ultimamente,
Porque em Loanda, a crêr o que se conta,
Ganhou em pretos fabulosamente.

Rico, senhor d'uma fortuna bruta,
Proporciona-lhe gozos, que ninguem,
Mulher nenhuma em Portugal desfructa

E a triste nada goza e nada tem!
Monstros não gozam! Deus á prostituta
Não lhe concede as honras de ser mãi.

ARIA

Rainha Jacintha foi
Dar uma tarde passeio;
Quando mestre Ginga veio
Assanhado como boi;
E diz a Jacintha: Dóe
Ver que estás tão insensata;
Em dia que a onda bata
Assim com a força d'esta,
Só sendo pessoa besta,
Só sendo pessoa gata,
Vem á praia fazer festa
Sem medo d'agua que mata.

Mas vai rainha Jacintha,
Que tem bestunto e tineta,
Cuida que Ginga diz peta,
Cuida que Ginga lhe minta.
E diz ao Ginga: Consinta
Ou não consinta o sinhora,
Jacintha vai praia fóra,
Buscando concha encarnada;
Atraz de mim vem soldada,
Vem gente que, toda hora
Que me veja atrapaiada,
Deita logo calça fóra,
Rainha Ginga é pescada.

Mal sabia gente preta,
Mal cuidava (triste dia!)
Vêr Jacintha n'uma pia
Mais funda que uma gaveta...
Corre o gente todo inquieta;
Rainha Ginga estrebuxa:
Foi obra de alguma bruxa
Ir espichando canella!
Gente preta pega n'ella;
Preto larga, preto puxa;
Mãi Jacintha volta a ella,
Pai Ginga dança cachucha.

Jacintha é condecorada
Com berliques de pendura,
E faz bonita figura
Com sua fita bordada;
Com sua fita encarnada,
De côr que pretinho gosta;
Fita melhor que lagosta,
Fita melhor que pescada:
Em n'a pondo atravessada
Rainha Ginga bem posta,
Pretinho bate palmada:
« Viva *Jacintha da costa!*
« Viva *Jacintha pescada* »!

(Versão do *Zulo*).

AO D. DE N.

Amo certa mulher, que não avisto
Senão de quando em quando na janella,
Sendo minha tenção casar com ella,
—Tenção que fiz e de que não desisto.

É a melhor mulher que tenho visto:
Alta, morena, grandes olhos... bella!
Mas com medo dos homens que se péla,
Cartas, mais cartas e não passa d'isto.

Ao principio gastei bem bom dinheiro
Com o gallego n'esta contradança,
Mas depois variei de portador:

—Devo ao Thomaz Antunes a lembrança
Que me arranjou um bello alcoviteiro
No jornal que o tornou commendador.

703852

A MELOPÊA DE DOROTHÊA

Chorando, o nome amado em vão nomeia.
CAMÕES — *Sonetos.*

Não tens idêa
Da Dorothêa?
—Não tenho idêa.
—Não tens idêa?!...
Pois eu... amei-a!

Junto da vêa
Que além serpêa
Cêrca da aldêa,
Um dia achei-a
Fazendo meia.

Não tens idêa?
—Não tenho idêa.

—De tudo alheia,
Na fulva arêa
O olhar passêa;
De somno cheia
Já cabecêa;
O fio enlêa,
Agulhas, meia
No chão arrêa,
É antes da cêa
Dorme hora e meia.
Não tens idêa?
—Não tenho idêa.

—A lua cheia
Vendo-a, estontêa;
Dá-se por feia
Ante a serêa.
De perto olhei-a!
Nem Deiopêa,
Nem Cassiopêa,
Nem Dulcinêa
Vale uma obrêa

Ao pé da Dêa
Da Dorothêa!...
Fizeste idêa?
—Não faço idêa.

—Semana e meia
Namorisquei-a,
E á centopêa
Da mãi—tão feia!
Pedi da aldêa
A Galatêa.
Que louca idêa!
Quem não asnêa
Quando a cadêa
Do amor o enlêa!?...
Tens esta idêa?
—Tenho outra idêa.

—Com o pé na pêa,
Deu Dorothêa
Com um patulêa,
Um tal Corrêa,
Fugiu da aldêa:
Foi fado ou vêa.
Foi-se á Crimêa,
Voltou por Cêa,

Fundão, Gouvêa,
Chegando á aldêa
Co'a bolsa cheia.
Em lauta cêa
Comeu morêa!
Mais d'hora e meia
Himpando, ancêa...
Molestia feia
Que acaba em *eia*
Logo a saltêa.
Não tens idêa?

Magnesia, althêa,
E mais de meia
Pharmacopêa
Em vão guerrêa
Mal que se atêa
Co'a panacêa.

Prestes, fraquêa
A Dorothêa.
Geme, rabêa,
Uiva, espernêa,
Por fim... patêa!...
.....
Carpi, chorei-a;

Co'a centopêa
Da mãi, deixei-a...
.....
Além, n'arêa
Jaz Dorothêa,
Sobre ella ondêa
Cevada, avêa;
E a escassa vêa
Que ao pé serpêa,
Em vindo a cheia,
Assim prantêa
A Dorothêa,
Na melopêa
De Dorothêa:
Ai, Dorothêa!
Ai, Dorothêa!...
Não tens idêa?
— Já faço idêa.

Eu confesso a verdade: fico absorto
Quando leio os jornaes da opposição
A respeito dos vivas; não me importo,
Mas a authoridade tem razão.

Para o mostrar bastava a condição
Com que aos invictos liberaes do Porto
Deixou D. Pedro IV o coração...
Depois de morto.

D. Pedro achou no Porto as crenças vivas
Que não achou na massa depravada
Das multidões por seculos captivas.

Legou-lhe o coração — prenda sagrada;
Mas com a condição de não dar vivas,
Aliás, mócada...

A D. PEDRO II

(Por occasião da sua visita a Portugal)

Per me reges regnant.

Os reis são tambem symbolos; e vós
Representaes todo um imperio amigo.
Por isso, é que levanto a minha voz,
E ouvi, Pedro II! o que vos digo:

Vós não tendes um unico inimigo;
Vós sois dos reis que podem andar sós:
Basta abolirdes o commercio atroz
Do desgraçado escravo! Eu vos bemdigo.

E o que é ser rei? Levar a primazia
Aos mais em alma e espirito profundo
Que arte e sciencia, livre e escravo abarca:

Regem os reis pela sabedoria:
Quem a não tem, não póde ser monarcha:
Vós sois digno de o ser no Novo-Mundo.

RESPOSTA

(A Gomes Leal)

Eu buscava editores portuguezes
Quando suppunha em Portugal leitores;
Mas hoje apenas leio aos meus amores
Os pobres versos que componho ás vezes.

Por uma coisa que escrevia em mezes,
Levar annos á busca de editores,
Só me rendia ávidos crédores;
E não me fazem conta taes freguezes.

Mudei de officio. Agora, os mais que aprendam;
Ja ninguem de juizo me lastíma
De gastar tempo em coisas que não rendam!

Agora, sim, que o publico me anima!
Trabalho em pentes, que *ellas* me encommendam,
E *elles* fornecem-me a materia prima.

SÊDE DE AMOR

I

Vi-te uma vez e (novo
Estranho caso foi!)
Por entre tanto povo...
Tanta mulher... Suppõe

Que mãi estremecida
Via o seu filho andar
Sobre muralha erguida,
Onde o fizesse ir dar

Aquelle remoinho,
Aquella inquietação
D'um pobre innocentinho
Ainda sem razão!

E ora estendendo os braços...
Ora apertando as mãos...
Vendo-lhe o gesto, os passos,
Quantos esforços vãos,

O triste na cimalha
Faz por voltar atraz...
Sem vêr como lhe valha!
A vêr o que elle faz!

Pallida, exhausta, muda,
Os olhos uns tições,
Com que, a tremer, lhe estuda
As mesmas pulsações...

(Porque não é mais fundo
O mar no equador,
Nem é todo este mundo
Maior do que esse amor!

Mais vasto, largo e extenso
Todo esse céo tambem
Do que o amor immenso
D'um coração de mãi!)

Assim, n'essa agonia...
N'essa intima avidez...
É que entre os mais te eu ia
Seguindo d'essa vez!

Porque te adoro!... a ponto,
Que ainda hoje, crê!
Escuto e oiço e conto
Os grãos de arêa até,

Que tu, mulher! andando
Fazias estalar
Já mesmo longe e... quando
Deixei de te avistar!

II

Os olhos são
D'uma expressão!
Que linda bocca!
O pé nem toca,
De leve, o chão!

Aquelle pé,
De leve, até
Nem se elle sente!
E sente a gente
Não sei o que é...

E a graça, o ar
D'aquelle andar!
Que véla passa
Com tanta graça
Á flôr do mar?

Os olhos vêr,
Um só volver
De olhar tão dôce,
Que mais não fôsse...
Era morrer!

Os dentes sãos
E tão irmãos
E tão luzentes!
Que bellos dentes!
Que lindas mãos!

III

Estrella, nuvem, ave,
Perfume, aragem, flôr!
Consola-me! distilla,
Da languida pupilla,
O balsamo suave
De um desditoso amor!
  Estrella, nuvem, ave,
Perfume, aragem, flôr!

A flôr, de que és imagem,
A flôr, de que és irmã,
Sacia-se, e desata
O seu collar de prata
Aos beijos da aragem,
Aos risos da manhã!...
  A flôr, de que és imagem,
A flôr, de que és irmã!

A perola que encerra
A flôr, é sua? Não.
O pranto que a amima,
Cahiu-lhe lá de cima
Para cahir na terra,
Para cahir no chão!
  A perola que encerra
A flôr, é sua? Não!

Tu já mataste a sêde,
Mata-me a sêde a mim!
Se em nuvem piedosa
Te refrescaste, rosa!
Tambem em ti eu hei-de
Refrigerar-me!... sim!
  Tu já mataste a sêde,
Mata-me a sêde a mim!

*

É para que me orvalhes
Que te orvalhou o céo!
O liquido que veio
Aljofarar-te o seio
Bem é tambem que o espalhes
No chão... o chão sou eu!
É para que me orvalhes,
Que te orvalhou o céo!

LAMENTO

Senhor! Senhor! que um ai nunca me ouviste
Na minha dôr!
Ai vida, vida minha, como és triste!...
Senhor! Senhor!

Quando eu nasci, o sol cobriu o rosto
Mal que eu o vi!
Tingiu-se o céo de sangue, e era sol-posto,
Quando eu nasci!

Pela manhã, a rosa era mais alva
Que a alva lã!
E o cravo desmaiou á estrella-d'alva,
Pela manhã!

Ao longe, o mar se ouviu, leão piedoso,
Um ai soltar!
Pelas praias, se ouviu gemer ancioso,
Ao longe, o mar!

Oh roixinol! a ti, nasce-te o dia
Ao pôr do sol!
Mostre-me a campa a luz que te alumia,
Oh roixinol!

ENLEVO

Não brilha o sol,
Nem póde a lua
Brilhar na sua
Presença d'ella!...
Nenhuma estrella
Brilha diante
Da minha amante,
Da minha amada!

A madrugada
Quanto não perde!
O campo verde
Quanto esmorece!
Quanto parece
A voz da ave
Menos suave
Que a sua falla!

A flôr exhala
Menos perfume
Do que é costume
O seu cabello!
Que basta vêl-o,
Prende-se a gente!
Prende-se e sente
Gosto ineffavel!

Que riso affavel
Aquelle riso!
Que paraiso
Aquella bocca!
Penetra, toca,
Enche de inveja
Um ar que seja
Da sua graça!

Onde ella passa,
Onde ella chega,
Quem lhe não prega
Olhos avaros!
Ha dotes raros,
Rara doçura
N'aquella pura
Casta existencia!

Oh! que innocencia
Que ella respira!
A alma aspira
Não sei que aroma,
Mal nos assoma
Ao longe aquella
Pallida estrella,
Que rege o mundo!...

Nunca, do fundo
Do oceano,
Foi braço humano
Colher tão linda
Perola ainda,
Como a formosa,
Candida rosa
Que eu amo tanto!

Não sei de santo
Que ha no seu gesto!
No ar modesto
D'aquelle todo...
N'aquelle modo...
Que tudo esquèce,
E nos parece
Estar no céo!

SEMPRE!

Pensas que te não vejo a ti? Bom era!
Gravei tão vivamente n'alma a dôce
E bella imagem tua, que eu quizera
Deixar de contemplar-te, só que fôsse
Um momento, e não posso, não consigo!

Foges-me, escondes-te e que importa? Esculpes
Mais fundo ainda os indeleveis traços!
Realça-te o retrato! E não me culpes!
Culpa-te antes a ti!... Sigo-te os passos!...
Vejo-te sempre!... trago-te commigo!...

ESPERA!

Uivaria de amor a fera bruta
Que pela grenha te sentisse a mão!
E eu não sou fera, pomba! Espera! Escuta!
Eu tenho coração!

Não é mais preto o ébano que as tranças
Que adornam o teu collo seductor!
Ai não me fujas, pomba! que me canças!
Não fujas, meu amor!

A mim nasceu-me o sol, rompeu-me o dia
Da noite escura d'olhos taes, mulher!
Não me apagues a luz que me alumia
Senão, quando eu morrer!

Eu não te peço a ti que as mãos de neve,
Os dedos afusados d'essas mãos,
Me toquem estas minhas nem de leve...
Seriam rogos vãos!

Não te peço que os labios nacarados
Me deixem esses dentes alvejar,
Trocando, n'um sorriso, os meus cuidados
Em extasis sem par!

Mas uivando de amor a bruta fera
Que pela grenha te sentisse a mão,
Eu não sou fera, pomba! escuta, espera!
Eu tenho coração!

ADEUS

A ti, que em astros desenhei nos céos,
A ti, que em nuvens desenhei nos ares,
A ti, que em ondas desenhei nos mares,
A ti, bom anjo! o derradeiro adeus!

Parto! Se um dia (que é possivel, flôr!)
Vires ao longe negrejar um vulto,
Sou eu que aos olhos d'esta gente occulto
O nosso immenso desgraçado amor.

Talvez as feras ao ouvir meus ais,
As brutas selvas, as montanhas brutas,
Concavas rochas, solitarias grutas,
Mais se condôam, se commovam mais!

E lá d'aquellas solidões se aqui
Chegar gemido que uma pedra estala,
Que um cedro vibra, que um carvalho abala,
Sou eu que o solto por amor de ti...

De ti! que em folha que varrer o ar,
Em rama, em sombra que bandeie a aragem,
De fito sempre n'essa cara imagem,
Verei, sorrindo, sentirei passar!

De ti, que em astros desenhei nos céos!
De ti, que em nuvens desenhei nos ares!
De ti, que em ondas desenhei nos mares,
E a quem envio o derradeiro *adeus!*

MELANCOLIA

Oh dôce luz! oh lua!
Que luz suave a tua,
E como se insinua
Em alma que fluctua
De engano em desengano!
  Oh creação sublime!
A tua luz reprime
As tentações do crime,
E á dôr que nos opprime
Abres-lhe um oceano!

É esse céo um lago,
E tu, reflexo vago
D'um sol, como o que eu trago
No seio, onde o afago,
No seio, onde o aperto?
  Oh luz orphã do dia!
Que mystica harmonia
Ha n'essa luz tão fria
E a sombra, que me guia
N'este areal deserto!

Embora as nuvens trajem
De dia outra roupagem,
O sol, de que és imagem,
Não tem essa linguagem
Que encanta, que namora!
  Fita-te a gente, estuda,
(Sem medo que se illuda)
Essa linguagem muda...
O teu olhar ajuda...
E a gente sente e chora!

Ah! sempre que descrevas
A orbita que levas,
Confia-me o que escrevas
De quanto vês nas trevas,
Que a luz do sol encobre!

As victimas, que escutas,
De traças mais astutas
Que as d'essas feras brutas...
E as lástimas, as luctas
Da orphã e do pobre!

SYMPATHIA

Olhas-me tu
Constantemente:
D'ahi concluo
Que essa alma sente!...
Que ama, não zomba,
Como é vulgar;
Que é uma pomba
Que busca o par!...

*

Pois ouve; eu gemo
De te não vêr!
E, em vendo, tremo,
Mas de prazer!...
Foge-me a vista...
Falta-me o ar...
Vê quanto dista
D'aqui a amar!

11 DE MAIO

Se eu fosse nuvem tinha immensa mágoa
Não te servindo d'azas maternaes
Que te podessem abrigar da agua
Que chovesse das mais!

E, sendo eu onda, tinha mágoa summa
Não te podendo a ti, mulher, levar
De praia em praia, sobre a alva espuma,
Sem nunca te molhar!

E, sendo aragem, eu, que pela face
Te roçasse de rijo, alguma vez
Que o Senhor com mais força respirasse,
Que mágoa immensa... Vês!

E a luz do teu olhar que me não luza
Um rapido momento, a mim, sequer,
Como a aguia no ar... que passa e cruza
A terra sem n'a vêr!

Mas que me importa a mim! Se me esmagasses
Um dia aos pés o coração, a mim,
As vozes que lhe ouvíras, se escutasses,
Era o teu nome... Sim!

O teu nome, gemido dôcemente
Com toda a fé d'um martyr em Jesus,
Se acaso já em Christo pôz um crente
A fé, que eu em ti puz!

A fé, mais o amor! Porque elle expira
Sem que a ninguem lhe estale o coração,
E eu, se essa luz dos olhos me fugira,
Sobrevivia? Não!

Assim como em ti vivo, morreria
Tambem comtigo, se uma vez (que horror!)
Te visse pôr, oh sol!... sol do meu dia!
Astro do meu amor!

ATTRACÇÃO

Meus olhos, sempre inquietos,
Que posso até dizer
Só acham n'alma objectos
Que os possam entreter;

Meus olhos... coisa rara!
Porque hão-de em ti parar
Como a corrente pára
Em encontrando o mar!?

E penso n'isto, scismo...
Mas é tão natural
Cahir-se no abysmo
D'uma belleza tal!...

Olhei!... Foi indiscreta
A vista que te puz.
A pobre borboleta
Viu luz... cahiu na luz!

Uma attracção mais forte
Que toda a reflexão,
(É fado, é sina, é sorte!)
Me arrasta o coração...

DESÂNIMO

Que mimos me confortam?
Que dôce luz me acena?
Eu tenho muita pena
De ter nascido até!

Quizera antes ao pé
D'uma arvore frondosa
Ter já em cima a loisa
E descançar emfim!

Alli, nem tu de mim
De certo te lembravas,
Nem estas feras bravas
Me iriam assaltar!

Alli, teria um ar
Mais puro e respiravel,
E a paz imperturbavel
De quem, emfim, morreu!

D'alli, veria o céo
Ora sereno e puro,
Ora toldado e escuro...
Ainda assim melhor,

Que este areal de amor,
Onde ando ao desamparo,
Onde a ninguem sou caro
E nem, a mim, ninguem!

Alli, passára eu bem
A noite derradeira
Á sombra hospitaleira
Que mais ninguem me dá!

Tu mesma, que não ha
Quem eu mais queira e ame,
Quem a minha alma inflamme
De mais ardente amor,

Os ais da minha dôr
A ti o que te importam?
Teus olhos nem supportam
A minha vista ao pé!

Que mimos me confortam?
Que dôce luz me acena?
Eu tenho muita pena
De ter nascido até!

N'UM ALBUM

É esta vida um mar; e n'este mar
Qual é o astro que nos alumia?
Que norte, estrella ou bussola nos guia?
Um olhar de mulher! um terno olhar!

O SEU NOME

I

Ella não sabe a luz suave e pura
Que derrama n'uma alma, acostumada
A não vêr nunca a luz da madrugada
Vir raiando, senão com amargura!

Não sabe a avidez com que a procura
Vêr esta vista, de chorar cançada,
A ella... unica nuvem prateada,
Unica estrella d'esta noite escura!

E mil annos que leve a Providencia
A dar-me este degredo por cumprido,
Por acabada já tão longa ausencia,

Ainda n'esse instante appetecido
Será meu pensamento essa existencia...
E o seu nome, o meu ultimo gemido.

II

Oh! o seu nome,
Como eu o digo
E me consola!
Nem uma esmola
Dada ao mendigo
Morto de fome!

N'um mar de dôres,
A mãi, que afaga
Fiel retrato
De amante ingrato,
Unica paga
De seus amores...

Que, rota e nua,
Tremulos passos,
Só mostra á gente
A innocente
Que traz nos braços
De rua em rua;

Visto que o laço
Que a prende á vida
É só aquella
Candida estrella,
Que achou cahida
No seu regaço;

(Não que lhe importe
A ella nada...
Que tudo escusa;
E até accusa
De descuidada
Comsigo a morte!)

Mão bemfazeja,
Se por ventura
Encontra um dia,
Com que alegria,
Com que ternura
Ella a não beija!...

Mas, com mais quanto
Amor te escrevo,
Soletro e leio,
Nome de enleio!
Nome de enlêvo!
Nome de encanto!

III

Como a agua d'um lago — toda um nivel,
Vai de circulo em circulo ondeando,
Se a andorinha a roça ao ir voando
Atraz d'algum insecto imperceptivel;

E quebrado esse espelho em mil pedaços
(Que a imagem do céo desapparece)
Em circulos concentricos parece
Tornarem-se a formar novos espaços...

Ou como d'entre as notas ineffaveis
Dos canticos do céo — todo harmonia —
Mal sôa o dôce nome de MARIA,
Pasmam as multidões innumeraveis;

E de onda em onda cada vez mais larga,
De lyra em lyra cada vez mais pura,
O nome d'essa excelsa creatura
Por todo aquelle immenso mar se alarga;

E tudo quanto cerca o throno eterno
Áquella dôce voz desprende o canto,
Formando um côro universal, em quanto
Reina silencio no profundo inferno...

Assim, n'esta paixão que me devora,
Se aos labios essas syllabas me assomam,
As negras sombras da minha alma tomam
Gradualmente o esplendor da aurora!

Toda a idéa má recúa um passo,
Aplanam-se os dominios do futuro
E do crystal mais transparente e puro
Se me arqueia a abobada do espaço!

Desdobra-se o passado á luz do dia,
Em valle ameno, aos olhos da memoria;
E eu acho não ser perfida, illusoria,
A fé que eu punha em certa luz que eu via...

Vejo que aquelle informe e negro monte,
Que me tapava a mim o fim da vida,
Não era mais que a natural subida
Para se dominar vasto horisonte!...

Esse horisonte és tu, pombinha brava!
Tu, cujo peito, que aliás encerra
O que ha de bello e grande em céo e terra,
Só com duas conchinhas se tapava...

Mas, em quanto não chego áquella altura
D'onde se avista a terra promettida,
Irei cantando, distrahindo a vida
Com essa invocação suave e pura...

Invocação de nome tão suave
Como esse olhar!... que eu, só de vêr, suspiro!
Mas... que invoco em silencio... como admiro
A luz da lua, e o olhar da ave!...

IV

E, se algum dia
Deres abrigo
Ao desgraçado
Pobre mendigo,
Expatriado,
Morto de fome,
Dize comtigo:
«Mais consolado
Se elle sentia
Lendo o meu nome!»

SAUDADE

Tu és o calix;
Eu, o orvalho!
Se me não vales,
Eu o que valho?

Eu, se em ti cáio
E me acolheste,
Torno-me um raio
De luz celeste!

Tu és o collo
Onde me embalo
E acho consolo,
Mimo e regalo:

A folha curva
Que se aljofára,
Não d'agua turva,
Mas d'agua clara!

Quando me passa
Essa existencia,
Que é toda graça,
Toda innocencia,

Além da raia
D'este horisonte—
Sem uma faia,
Sem uma fonte;

O passarinho
Não se consome
Mais no seu ninho
De frio e fome,

Se ella se ausenta,
A boa amiga,
Ah! que o sustenta
E que o abriga!

Sinto umas maguas
Que se confundem
Com as que as aguas
Do mar infundem!

E quem um dia
Passou os mares
É que avalia
Esses pezares!

Só quem lá anda
Sem achar onde
Sequer expanda
A dôr que esconde;

Longe do berço,
Morrendo á mingua,
Paiz diverso...
Diversa lingua...

Esse é que sabe
O meu tormento,
Mal se me acabe
Aquelle alento!

Ah, nuvem branca!
Ah, nuvem d'oiro!
Ninguem me estanca
Amargo chôro;

E assim que passes
Mesmo de largo...
Vê n'estas faces
Se ha pranto amargo.

Tu és o norte
Que me desvias
De ir dar á morte
Todos os dias;

A larga fita
Que d'alto monte
Cerca e limita
O horisonte!

Tu és a praia
Que eu solicito!
Tu és a raia
D'este infinito!

Se ha uma gruta
Onde me esconda
Á força bruta
Que traz a onda;

Á força immensa
D'esta corrente
D'alma que pensa,
Alma que sente;

Se ha uma vela,
Se ha uma aragem,
Se ha uma estrella,
N'esta viagem...

É quem eu amo,
A quem adoro,
E por quem chamo,
E por quem choro!

* * *

Não sei o que ha de vago,
Incoercivel, puro,
No vôo em que divago
Á tua busca, amor!
No vôo em que procuro
O balsamo, o aroma,
Que, se uma fórma toma,
É de impalpavel flôr!

Oh como te eu aspiro
Na ventania agreste!
Oh como te eu admiro
Nas solidões do mar!
Quando o azul celeste
Descança n'essas aguas
Bem como n'estas maguas
Descança o teu olhar!

Que placida harmonia
Então a pouco e pouco
Me eleva a phantasia
A novas regiões!
Dando-me ao uivo rouco
Do mar, n'essas cavernas,
O timbre das mais ternas
E pias orações!

Parece todo o mundo
Só um immenso templo!
O mar já não tem fundo
E não tem fundo o céo!
E, em tudo, o que contemplo,
O que diviso em tudo,
És tu!... esse olhar mudo!...
O mundo... és tu... e eu!...

1. Drama (French)

HORACIO E LYDIA [1]

COMEDIA N'UM ACTO

1 *Horace et Lydie* (une ode d'Horace), comédie en un acte en vers F. Ponsard, de l'Académie française. Nouvelle édition revue et corrigée.

PERSONAGENS

LYDIA.
HORACIO.
BEROÉ, escrava de Lydia.

HORACIO E LYDIA

Camara sumptuosa, em Roma, em casa de Lydia. Ao fundo, janellas meio encobertas com cortinados de purpura. — Á esquerda, porta de quarto de toilette. — Á direita, porta de quarto de toilette.

SCENA PRIMEIRA

LYDIA, BEROÉ, escrava de LYDIA; — LYDIA está assentada, cuidando da sua toilette. — BEROÉ está de pé

LYDIA

Beroé, que é do espelho? deixa vêl-o.

Mirando-se

Achas tu assim bem o meu cabello?

BEROÉ

De certo.

LYDIA

Mas, Horacio, o meu amado
Talvez não goste d'elle assim frisado?...

BEROÉ

Só se elle tem, perdôe-se-me a linguagem,
O tal poeta, o gosto d'um selvagem.

LYDIA

Mas, se eu deixasse os caracoes da frente
Ondear-me nos hombros livremente...
Como Venus no monte Ida?

BEROÉ

—Sim...

Indicando o penteado de Lydia

Mas a filha de Leda usava assim.
Os caracoes, de lado, em rosto oval,
São de matar de inveja uma rival.

LYDIA

Anh?...

BEROÉ

Hontem Chloé, vendo-vos, ficou,
Que até mesmo o carmim lhe desmaiou.

LYDIA

Ah! não gosta? Pois se isto a incommoda,
Bem; muito bem; estou á minha moda.

Apontando para a caixa das joias

Os anneis, Beroé: os braceletes;
O collar de coraes; os alfinetes.

Assentando a sobre-saia que Beroé acaba de abrochar

Cahe isto bem?

BEROÉ

Os véos imponderaveis
Das estatuas de Phidias, admiraveis,
Não tem ondulações tão graciosas
Sobre aquellas figuras vaporosas.

LYDIA

Agora, o ramo de hera: o meu poeta,
É esta a sua planta predilecta.

Voltando-se para Beroé

Que tal?

BEROÉ

Por vós vendia um cavalleiro
Annel, collar, á falta de dinheiro.

LYDIA

Não é por cavalleiro ou consular
Que eu me enfeito com vistas de agradar;
Nem que eu ponho estas joias, não, por certo;
É por Horacio — o filho d'um liberto.

BEROÉ

Consagra-vos talvez amor profundo?...

LYDIA

Qual!? É um vario; elle ama todo o mundo.

BEROÉ

Tem escudos talvez em quantidade,
Que lhe chovem das mãos... Não é verdade?

LYDIA

É pobrissimo; e rico, a mais não ser,
Não lhe aceitava um óbulo sequer.

BEROÉ

Mas pobre... filho d'um liberto... vario...
Fraca figura... É extraordinario!

LYDIA

E então?

BEROÉ

Então!? Mas como se despreza
Os ais de toda a juvenil nobreza;
Se fecha a porta aos Drusos e aos Pisões,
Lá por um homem... que compõe canções?!

LYDIA

Que queres!

BEROÉ

Marcio é regio descendente;
Vinte estatuas d'avós tem elle á frente
Do palacio...

LYDIA

Peor, no meu conceito,
Descender de tão alto um ente abjecto:
Nunca tal personagem a meu lado,
De bafo a vinho e olhar embaciado.

BEROÉ

E o formoso Cerinthio?

LYDIA

Se abre a bocca,
Vaidade mostra; intelligencia, pouca.

BEROÉ

Caláïs?

LYDIA

Conheço-lhe uma prenda unica:
A de traçar com elegancia a tunica.

BEROÉ

E Rufo?

LYDIA

Mais finura ninguem mostra
Em saber de que lago é qualquer ostra.

BEROÉ

E Claudio? Onde ha um cavalleiro igual?

LYDIA

Sim, a cavallo; mas a pé que vale?

BEROÉ

E um grave senador?... Tambem são gostos.

LYDIA

Que enjôo!

BEROÉ

Então... um cobrador de impostos!

LYDIA

Que horror!

BEROÉ

Mas rende (sim, digo o que sinto)
Urnas toscanas, bronzes de Corintho!

LYDIA

Caros presentes os da mão d'um feio!
Nem eu afiro amor por esse meio.
A que só oiro e perolas lhe importa,
Feche ao poeta mavioso a porta:
Elle, em lugar de purpuras de Cós,
Dá o seu canto e, aos echos, essa voz;
Mas, grato aos Deuses, Musa delicada
Lhe inspira sempre a phrase que me agrada.
Porque a Musa é mulher, e sabe o meio
Como o amor se embebe em nosso seio.
Eu não sou d'essas futeis e venaes
Que aturam parvos e expressões banaes;
Quem no meu coração quizer entrar,

Primeiro ha-de a minha alma captivar.
Nas delicias d'amor ha calmaria;
E, a não se conversar, o que seria?!
Ouvir então da bocca d'um amante
Como uma fonte a murmurar distante,
Acompanhar-lhe na convulsa lyra
Os ternos cantos que o amor lhe inspira!...
Porque é que os passarinhos cantam tanto?
São irmãos gemeos o amor e o canto.
E depois, Beroé, dize a verdade:
Quem mais nos dá a immortalidade?...
Sêdas e joias, prestes enfastia.
Vês esta saia tão brilhante? Um dia!
Á poesia, a morte nunca chega:
Fallar-se-ha sempre na formosa grega;
E em quanto n'este mundo houver amores,
Se ha-de fallar em Lesbia e em Lycóris.
Oh! se este affecto abrasador lhe infundo,
Horacio e Lydia dirá sempre o mundo.
Mas oiço passos, Beroé, já, anda:
Desce as cortinas, quero a luz mais branda;
Que reflecte da purpura, e me passa
Meia tinta ás feições, que lhes dá graça.

Escuta

Não é elle — Vês tu, o inconstante?...
Eu nunca o esperei um só instante.

BEROÉ, apontando para o relogio d'agua

Mas a hora passou ha pouco ainda.

LYDIA

Mas elle antecipava sempre a vinda.
E dá desculpas um amor somenos;
Quem não ama de mais, ama de menos.
Já não vem, acredita; e que me importa?
Se elle agora vier, fecho-lhe a porta.
Desmancha-me isto; de que serve agora?
Choca-me os nervos estes anneis; fóra!
Rasga estas gazes, rasga quanto vês!
Estes topazios pisa-m'os aos pés!
Tranca-me as portas em sentindo alguem.
—Espera! é elle...

Com alegria

Horacio, que ahi vem.

Entra Horacio

SCENA SEGUNDA

Os Mesmos, HORACIO

Lydia, assentada, arranja a corôa e torna a enfiar os anneis. Finge que não dá por Horacio, o qual se aproxima de mansinho e lhe beija o pescoço.

LYDIA, fingindo-se surprehendida

Ah! vós, Horacio? por aqui!

HORACIO

Melhor,
Que em companhia do imperador.

Beroé retira-se para um dos gabinetes, deixando a porta meio aberta

LYDIA

É mais de amante que de cortezão;
Dirieis vós o mesmo a Cesar? não.

Horacio pega-lhe na mão e lança-lhe um braço pela cinta

Enxovalhaes-me a tunica.

HORACIO

Cruel!
Com tanta formosura e tanto fel!
É por amor de mim todo esse apuro?

LYDIA

Não; pelo dia, por um céo tão puro!
Andam já os tafues na via Appianna,
Vão vêr a minha tunica assyriana.
—Que vos parece?

HORACIO

A mim só me parece
Que estava justo que eu aqui viesse.

LYDIA, com ar de quem se lembra

Ah! e achaes que me não vá embora?

HORACIO

Certo.

LYDIA

Mas tinheis esquecido a hora...

HORACIO

Nem um momento me passou...

LYDIA

Mentira!

HORACIO

O tempo, até eu disse, já não gira...

LYDIA

Sim?!

HORACIO

Mecenas espera-me; que espere.
Primeiro a minha Lydia; amor prefere.

LYDIA

Arrepender-vos-heis.

HORACIO

Não comprehendo:
Eu de gozar-me nunca me arrependo.

LYDIA

Mas o falerno, lá, até fluctua...

HORACIO

Cá, bebo a dôce respiração tua!

LYDIA

Lá, podieis saber o que ha de novo,
E eu que hei-de fallar? d'amor?...

HORACIO

Approvo.
O que me importa o mais? Tanto melhor!
Delicía amar e só fallar d'amor.
Um dialogo todo amor e pejo...
Timida mão que leva a custo um beijo...
Foi sempre bom, e é moda que não passa;
Antes, quantos mais seculos, mais graça.

Cesar Augusto, com o pêso enorme
De tantos povos, nem ao menos dorme;
Sempre a cuidar na guerra que projecta
Feroz Cantabro, errante Massageta.
E quem lhe afiança a elle a esta hora
Que ha-de vêr ámanhã raiar a aurora?
Pensar-se no futuro, é creancice,
Os annos passam, chega-se a velhice,
Vem as vigilias, envelhece a amada,
E até mesmo a conversa nos enfada.
Por tanto, se esta vida assim nos foge,
Devemos-lhe apanhar a flôr já hoje.
Ser grato aos Deuses é gozar seus mimos,
Em quanto mais capazes nos sentimos:
E se a Musa da Grecia nos inspira,
Cantar um homem a mulher que admira!
Eu não desprezo o prato delicado
Nem o vinho de velho consulado;
Mas o que eu acho a tudo incomparavel
É, o amor! — em Lydia estando amavel...

LYDIA

Com que gosto te ouvíra, com que encanto,
Se a Phyllis não dissesses outro tanto!

HORACIO

A Phyllis, eu?

LYDIA

Por mim deixaste Augusto,
Mas a Chloé... deixavas com mais custo.

HORACIO

É mulher, pelos Deuses juro até,
Que nunca em minha vida vi ao pé!

LYDIA

Ora... os perjuros juram facilmente.

HORACIO

Olha que injúria, estando-se innocente!
Parta-me um raio, oh Jupiter, ao meio
Já n'este instante...

LYDIA

Horacio, eu creio, eu creio!
Porque esta fé, ainda que illusoria,
Faz-me bem, meu poeta! minha gloria!
—Amo-te.

Horacio ajoelha-se-lhe aos pés, e ella passa-lhe um braço pelo hombro

Creio até que é isto encanto;
Sim, não é natural amar-se tanto!
Vou-te prender aqui n'esta cadêa:
Tu não quebras a corda que te enlêa!

—Amo-te. Vês como os meus olhos vão,
Por entre os teus, varar-te o coração?
Se eu fosse luz—um raio—agora aqui
Toda inteirinha me entranhava em ti!
Não olhes!... endoidecem-me olhos taes;
E não te mexas! tu d'aqui não sahes.
—Tu não amas Chloé!

HORACIO

Deus não consinta!

LYDIA

Ella é feia!

HORACIO

Ella é feia, e até se pinta.

LYDIA

Maus dentes.

HORACIO

E de mais a mais coxêa.

LYDIA

Nem outra, ainda que não seja feia!

HORACIO

Oh nunca!

LYDIA

Dize-me isso a cada instante!

HORACIO

Se eu no mundo tiver uma outra amante,
A ursa, então, constellação polar,
Virá do pólo mergulhar no mar.

LYDIA

E a brisa soprará da Thracia o dia
Que Lydia a outro, que não tu, sorria.

HORACIO

Nas praias glaciaes do Ponto-Euxino,
Ou com o sol no carro ardente em pino,
Por toda a parte eu amarei sómente
Lydia que falla e ri tão dôcemente.

LYDIA

Ternas palavras!

HORACIO

—Ternos sentimentos.

LYDIA, lançando a mão ás taboinhas de Horacio

Vamos lavrar os nossos juramentos!
—Dá cá.

HORACIO

Não.

LYDIA

Pois?

HORACIO

Garatujei ahi...

LYDIA

O que?

HORACIO

Uns versos que não corrigi.

LYDIA

Versos, a quem?

HORACIO

Suppõe a quem será!

LYDIA

A mim?

HORACIO

De certo.

LYDIA

Então deixa-os vêr já.

HORACIO, á parte

Mau.

Alto

Não, dá cá; então prefiro eu lêr-vos.
Versos meus, lidos mal, choca-me os nervos.

Horacio lê; Lydia reclina-se-lhe no hombro e escuta

É primavera: aos zephyros se curvam
As velas fluctuantes
Já no placido Tibre, que não turvam
As cheias, como d'antes.

Vai já a primavera alcatifando
De relva monte e valle;
E o gado, por amor de andar pastando,
Quer sahir do curral.

Já Venus mais as Graças andam todas,
N'esta estação que é sua,
De mãos dadas bailando alegres rodas
De noite á luz da lua.

Que sêde que nos dá dias inteiros
Já de tanto calor!
Vou-me deitar á sombra dos ulmeiros
Para beber melhor.

Mas olha, escravo, que o falerno escalda;
Refresca-o n'essa fonte;
E apanha rosas, faze uma grinalda
E engrinalda-me a fronte.

Passa depressa a estação amena,
E a rosa murcha e cai.
Cuidados, nada, que não vale a pena:
Esta vida é um ai.

Viva o falerno! viva! Escravo, salta,
Vai-lhe dizer que a chamo;
Dizer-lhe que me faz immensa falta...
—Lydia, que eu tanto amo!

LYDIA

Lindos versos! os ultimos mórmente!
—Deixa vêr.

HORACIO

Não.

*

LYDIA

Insisto.

HORACIO

Inutilmente.

LYDIA apanha-lhe as taboinhas dos versos

Apanhei-os.

HORACIO

Mas lêl-os é que admira.

LYDIA

Vou vêr.

HORACIO, á parte

Peor!

LYDIA chamando Beroé e apontando para uma lyra que está pendurada na parede

Oh Beroé, a lyra.

Horacio faz diligencia de apanhar as taboinhas e Lydia mette-as no seio

Beroé aproxima-se com a lyra na mão e solta algumas harmonias em quanto Lydia recita os versos

É primavera; aos zephyros se curvam
As velas fluctuantes
Já no placido Tibre, que não turvam
As cheias, como d'antes.

Vai já a primavera alcatifando
De relva monte e valle;
E o gado, por amor de andar pastando,
Quer sahir do curral.

Já Venus mais as Graças andam todas,
N'esta estação que é sua,
De mãos dadas bailando alegres rodas
De noite á luz da lua.

HORACIO, interrompendo-a e lançando-lhe a mão ás taboinhas

Agora o mais, em eu o corrigindo:
Lês ámanhã.

LYDIA

Não, já; é muito lindo.

HORACIO, pondo as mãos

— Perdão!

LYDIA

Mas esta estrophe é a melhor,
Que é a minha...

HORACIO, á parte

E a catástrophe... o peor!

LYDIA

Viva o falerno, viva! Escravo, salta,
Vai-lhe dizer que a chamo;
Dizer-lhe que me faz immensa falta!
— Chloé... que eu tanto amo!

Voltando-se para Horacio, e mostrando-lhe as taboinhas

Mas... Chloé!?

HORACIO

Eu...

LYDIA

Chloé!?

HORACIO

Mas...

LYDIA

Anda, falla!
Traidor, negarás tu? Responde!

Beroé retira-se para o gabinete

HORACIO

Eu...

LYDIA

Cala,
Cala essa bocca! Que vergonha a sua...
És capaz de negar que a letra é tua?
Talvez eu lêsse mal; lê tu melhor...

Apresentando-lhe as taboas

E ou não é Chloé, falso, impostor!?

HORACIO

Mas, ouve, Lydia! pelos Deuses, Lydia!...

LYDIA

Nunca se viu no mundo igual perfidia.
Zombar assim da minha ingenuidade!
É um golpe mortal! Sim; na verdade,

Vêr jurar pelos Deuses a mentira,
Desafiando até o raio... admira!
Mas o que admira? Amante desleal
Por força é impio: fé em Deuses, qual!
E eu, tão nescia, tomando aquellas juras
Na conta de verdades as mais puras!
Remordia-me até a consciencia
De o accusar, e vêr tanta innocencia!
Pobre de mim, de coração nas mãos,
Achando encanto em taes protestos vãos
—Tudo comedia, tudo fingimento
De quem só tinha n'ella o pensamento!...
Que ridiculo, oh céos! Quem se não rira,
Vendo-me a mim mandar buscar a lyra,
E tão contente, de tão boa fé,
Pôr-me a lêr versos feitos a Chloé!
Como aquella harmonia me embalava,
Suppondo que era eu que a inspirava!
Estupida que eu sou! Tu ris-te? sim!
Chorar, devo eu chorar, pobre de mim!

Cai sentada n'uma poltrona

HORACIO

Lydia, escuta!

LYDIA

Que monstro! que perverso!

HORACIO

Vou já riscar esse maldito verso.

Pega-lhe na mão

Lydia!

LYDIA, fugindo com a mão

Ah! deixai-me.

HORACIO

Escuta! Com effeito...
Sim, passa a mais, confesso o meu defeito!
Que desgraçada e triste condição!
Eu faço mil propositos em vão:
Juro, e que importa! a jura mais sagrada
É luz que, basta um sopro, é fumo, é nada!
Nem um pésinho de mulher me escapa
Por debaixo da tunica que o tapa.
—E comtudo, acredita, mau não sou;
Tenho pena das mágoas que te dou;
E, se eu das tuas lagrimas zombasse...
Que nome havia que eu me não chamasse!
—Vamos, filha!

LYDIA, levantando-se de ao pé de Horacio

Deixai-me! peço, imploro!

HORACIO, seguindo-a

Crê, eu...

LYDIA

Calai-vos!

HORACIO

Mas ninguem adoro!
Aquillo nada prova; é ficção tudo,
São versos. Precisava d'um agudo:
Lydia é esdruxulo; e portanto, crê,
Sentia Lydia, sim, mas... puz Chloé!

LYDIA, atirando com as taboas de marfim ao chão e pisando-as aos pés

Então — agudos... e poetas... vês?
É fazer-lhe isto... pisar tudo aos pés.

HORACIO

Que culpa terás tu, pobre marfim!

LYDIA

Toma-os agora, leva-lh'os assim.

HORACIO

Tanto trabalho no que veio a dar!

LYDIA

Podesse-os eu até lançar ao mar,
Poetas!... gente... (como me eu illudo!)
Que a um mau verso sacrifica tudo!

HORACIO, resmungando

Mau verso!

LYDIA

É impossivel que se possa
Amar ninguem peor! Tolice a nossa!
Julga-os a gente tão sentimentaes,
D'um gosto, um mimo, que não acha aos mais;
Vivendo lá n'um mundo tão diverso...
Mas é ficção poetica! é só verso!
Sondando-os bem, achal-os-heis no fundo
Os entes mais vulgares d'este mundo.
Elles amam as Deusas de tal modo
Que exhaurem n'isso o coração de todo;
E gastando no verso o coração,
Fica-lhes só a imaginação!
Amar, não amam a mulher nenhuma;
Amam a todas, amam tudo, em summa.
Quanto melhor não é um pobre moço,
Modesto, ingenuo, mas que é todo nosso;
Como um que eu sei, e posso amar — Caláïs?

HORACIO

Um tolo!

LYDIA

Adora-me; e que importa o mais?
E joven, bello...

HORACIO

Umh! isso lá...

LYDIA

Mas creio,
Gostando eu...

Olhando para Horacio

Que póde ser mais feio.

HORACIO

Tem tão bons ditos! Creio até que passa
Pelo homem no mundo de mais graça.

LYDIA

Diz o que sente. Amor a sua essencia
São sentimentos! não é eloquencia.

HORACIO

Se a essencia d'amor é a tolice...

LYDIA

Chamei-lhe eu já poeta? Nunca o disse:
Nem que andava nos versos sempre absorto,
Abstracto, respondendo a tudo torto.
Não se põe lá nas nuvens todo inchado
Por dois versos que fez de pé quebrado.
Tem-se em conta de misero mortal;
Mas tem bom senso, que é o principal.

HORACIO

Então aproveitar!

LYDIA

Sim?...

HORACIO

Com certeza.

LYDIA

Um bom conselho nunca se despreza.

Chamando Beroé

Oh Beroé! conheces um sujeito
Que anda ahi sempre... um mocetão perfeito?

BEROÉ, dirigindo-se a LYDIA

Caláïs, bem sei.

LYDIA

Pois dize-lhe que digo
Que ha-de, esta noite, vir cear commigo.

BEROÉ

Eu vou, senhora.

HORACIO

Espera, Beroé!
Conheces essa joia de Chloé?

BEROÉ

Nossa visinha.

HORACIO

Dize a essa bella
Que eu, esta noite, vou cear com ella.

LYDIA, a Beroé que a consulta com os olhos

Manda-te, vai. Não sei porque não vaes.

Beroé sahe

HORACIO

Esta harmonia é do que eu gosto mais.

LYDIA

Ora tenho um amante, finalmente,
Que é meu, só meu, e não de toda a gente.

HORACIO

E eu uma amante que se não enfada
Por uns melindres que não valem nada.

LYDIA

E um amante de todos o que vale?,..

HORACIO

O mesmo, que uma amante que nos rale.

LYDIA

Cá por mim sou fiel, leal; portanto
Em paga do que dou, quero outro tanto.
Em sabendo que um homem queima incenso
Ora a uma, ora a outra, eu cá dispenso.

HORACIO

E eu dispenso tambem de boamente
Uns olhos onde o raio anda imminente.
Amor, é só franzirem-lhe os sobr'olhos,
Foge amuado e arrazam-se-lhe os olhos.

LYDIA

Vai voltar o amor e a alegria.

HORACIO

E eu volto aos meus amigos d'algum dia;
Volto ao meu parreiral, onde não espero
Por tardar um momento, um destempero.

LYDIA, apaixonada

Ah! vem, Caláïs! supplico-te! Um momento
Que não te aperto ao peito, é um tormento.
Venus está... em Chypre? não! não creias!
Venus está, mas é nas minhas veias.
Por ti é que esta purpura embaraça
As vistas indiscretas de quem passa:
Por ti, que a lamparina retirada
Ha-de velar até de madrugada.

Olhando para Horacio ás furtadellas

Torce-se...

HORACIO, erguendo-se

Distrahida... nada igual!
E hei-de eu cedêl-a nunca a um rival!?

Approxima-se de Lydia que está reclinada, e lhe volta as costas. — De mansinho.

Lydia!

LYDIA, sem se mexer

Ah Caláïs! Oh extasi sem par!
És tu? Eu sei; não me é preciso olhar.

Horacio leva-lhe as pontas dos dedos ao cabello

Desata-o: tem um nó unicamente.

HORACIO

Que trança!

LYDIA, ainda sem se voltar, estendendo-lhe a mão

Um beijo, fervoroso, ardente.

HORACIO, beijando a mão de Lydia

Que linda!

LYDIA, voltando-se

Ah! vós, Horacio?!

HORACIO

Assim me chamo.

LYDIA

E então?!

HORACIO, tornando-lhe a beijar a mão

Dizia á tua mão que te amo.

LYDIA

Suppunha-vos Caláïs!

HORACIO

Muito obrigado.

LYDIA

Jurava que vos tinheis retirado.

HORACIO, indicando as mãos de Lydia

Como, assim prêso por cadêas taes!...

LYDIA

Ora, as mãos de Chloé valem bem mais.

HORACIO, pegando na mão de Lydia

Não! uns dedos mais brancos do que os seus...
Pyramidaes... Os d'ella são plebeus.

LYDIA

Embora; tem bom corpo.

HORACIO

Oh deusa, ao pé
D'essa elegancia, é monstruosa até!

LYDIA

Pesada... mas cabello...

HORACIO

O vosso é raro!

LYDIA

O d'ella vem de Lesbos; é mais caro.

HORACIO, a rir-se

Maliciosa!

LYDIA

Eu cá por mim confesso...
Para o gosto d'um homem não tem preço.
— Ide.

HORACIO

Não.

LYDIA

Ide; porque vem Caláïs,
E serieis então aqui de mais.

HORACIO

Pois bem; eu vou...

*

LYDIA

Pois bem!

HORACIO

Cedo o lugar.

LYDIA

Bom.

HORACIO

Era insania minha disputar...

LYDIA, despedindo-se

Adeus, senhor...

HORACIO

Adeus; sim... vêr agora
Caláïs nos vossos braços... Vou-me embora.

LYDIA

De certo.

HORACIO

Que ridicula figura...

LYDIA

Com certeza.

HORACIO

Portanto, adeus!... perjura!
Falsa!...

LYDIA

Perdão! Cá descompôr não vale.

HORACIO

Namoradeira...

LYDIA

Não fiquemos mal.

HORACIO

Pelo contrario. Pondes-me na rua...

LYDIA

Quando quem sahe é por vontade sua...

HORACIO

Vontade minha? Acho-lhe graça...

LYDIA

Sim.

HORACIO

Vós é que estaveis farta já de mim.

LYDIA

Pois eu que fiz, e que vos offendeu?

HORACIO

E que razão de queixa vos dei eu?

LYDIA

Porque nos separâmos então nós?

HORACIO

Quem tem a culpa?

LYDIA

Vós.

HORACIO

Não; vós!

LYDIA

Não; vós!

HORACIO

Em quanto eu só no mundo me abracei
A teu collo de cysne... Lydia, crê:
Julguei-me a Xerxes em grandeza igual.

LYDIA

E em quanto me não déste uma rival
Sacrificando-me a Chloé, que odeio,
Ilia não tinha as glorias do meu seio.

HORACIO

Hoje é Chloé que adoro e que me adora!
A sua lyra e a sua voz namora:
Por amor d'ella sacrifico a vida.

LYDIA

E eu, do bello Caláïs correspondida,
De entranhavel amor arrebatada,
Pelo salvar... a minha vida é nada.

HORACIO

Mas se eu, que tenho ainda a saudade
D'aquella nossa dôce intimidade
Deixar Chloé, e só te amar agora!?

LYDIA

Seja Caláïs mais bello que a aurora,
E tu mais vario do que a onda varia,
Morro comtigo, ou vivo solitaria.

HORACIO, lançando-se aos pés de Lydia

Ah boa Lydia!

LYDIA

Boa, sim; de mais...

HORACIO

Jámais te offenderei.

LYDIA

Bem sei... jámais!

HORACIO

Vós, oh deuses! abobada sublime!
Fundo Acheronte que o perjurio, o crime...

LYDIA

Não jures! não é bom! Além de que...
Eu sei o que essas juras valem... sei!
Com meiguice
E comtudo essa voz... prende-me, atrai-me,
Ingrato!

HORACIO

Terra e céo aniquilai-me...

Entra Beroé

BEROÉ, a Lydia

Elle ahi vem, pulando de contente,
E pede para entrar...

HORACIO

Que impertinente!

LYDIA, á Horacio

Que hei-de eu fazer agora?

HORACIO

É explicar-vos.

A Beroé

Vai-lhe dizer que aqui não entram parvos.

BEROÉ

Depois?

HORACIO

Mais nada: alarves não aturo.

BEROÉ, a Lydia

Digo-lhe assim?

LYDIA

D'um modo menos duro.

BEROÉ

Bem.

A Horacio

E a Chloé, que vos espera?

LYDIA

A... tonta!

A Horacio

Tu vaes?

HORACIO

Eu... ficar cá, faz-me mais conta.

LYDIA

Mas e então a sua pobre ceia?

HORACIO

Caláïs que vá, já se isso remedeia.

LYDIA

Oh, bem lembrado; e já não fica mal:
Dá-lhe parte da troca, e que se cale.

HORACIO, a Beroé

E, elle, dize-lhe tu—que em casos taes,
Ou venha logo, ou deixe-se de mais.

CRITICAS

DAS

FLORES DO CAMPO

FLORES DO CAMPO

POR

JOÃO DE DEUS

João de Deus não é sómente um grande poeta, é um iniciador. A estrophe sahe-lhe do coração não só transparente e limpida, como um veio de crystal, mas espontanea, harmoniosa e originalissima, como todas as creações dos espiritos profundamente caracterisados e essencialmente creadores.

João de Deus é um grande scismador e um grande artista. Concebe admiravelmente, e executa melhor ainda. Cada lyrica é uma maravilha, cada estrophe um mimo, cada verso um primor. Reune á intelligencia apaixonada de Platão o delicadissimo senso artistico de Cellini. Ha n'aquella lyra notas e harmonias d'uma frescura e de uma novidade dignas de Homero ou de Wainamoinen.

É que o talento poetico de João de Deus é essencialmente espontaneo e primitivo, se me permittem a expressão.

Parece que não ha n'aquelles versos nem estudo de modêlos, nem influencia de escólas, nem escolha de assumptos.

A natureza poetica de João de Deus é sôbre tudo virginal, sincera, innocente. Canta, não para que o escutem, mas porque nasceu poeta; chora, não para que o consolem, mas porque nasceu triste; medita, não para que o considerem, mas porque nasceu scismador. É poeta... e não póde ser mais nada; fizeram-n'o deputado talvez para fazerem um epigramma á poesia, que tantos tem feito —epigrammas, entenda-se.—João de Deus deputado é o mesmo... que um deputado João de Deus, duas entidades a rirem-se constantemente uma da outra, como os dois *oraculos* de que falla Cicero.

Um João de Deus nasce feito... não se faz d'elle coisa nenhuma; ha-de ser sempre João de Deus, quer o façam rei, quer regedor de parochia. *Ego sum qui sum,* dizia o espirito mais profundamente original da humanidade. João de Deus, e os homens de uma individualidade assim tão caracterisada podem, salvo a irreverencia, dizer o mesmo.

A João de Deus deu-lhe para ser poeta; se lhe désse para ser diplomata era Bismark, e tinha a

estas horas realisado a união iberica. Foi melhor assim, ao menos para se não acabar com a possibilidade de termos volumes como as *Flôres do Campo*.

Dizem-me que João de Deus é um excellente tocador de viola, onde improvisa devaneios arrebatadores. Esta prenda caracterisa-lhe o talento artistico. É poeta como guitarrista e quasi improvisador como poeta. Aquella alma é uma lyra: vibra, estremece e canta ás aragens fugitivas da impressão. Natureza profundamente sympathica, tem um riso para cada alegria, uma lagrima para cada infortunio:

Despe o luto da tua soledade
E vem junto de mim, lirio esquecido
Do orvalho do céo!
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher! irmã dos que hão soffrido,
Mulher! sou irmão teu.

Consolos não te dou, que não existe
Quem, de lagrimas suas nunca enxuto,
Possa as d'outro enxugar:
Não póde allivios dar quem vive triste,
Mas é-me dôce a mim chorar, se escuto
Alguem tambem chorar.

E não ha artificios n'esta poesia, que é singela como todos os grandes sentimentos, harmoniosa e virginal como um sorriso de criança, suave e con-

soladora como uma parabola de Christo, serena e luminosa como um dialogo de Platão:

Mulher, mulher! quando eu n'um cemiterio
Levanto o pó dos tumulos sósinho:
Eis, digo, eis o que eu sou;
Mas quando penso bem n'esse mysterio
Da virtude infeliz: Vai teu caminho;
Dois mundos Deus creou.

É poesia que se sente e que poucos exprimem, são versos que se admiram e que rarissimos os escrevem.

As imagens adejam-lhe em torno frescas, vivas, alegres e graciosas, como um bando de andorinhas em torno dos frisos d'um campanario:

Quando em silencio finges
Que um beijo foi furtado,
E o rosto desmaiado
De côr de rosa tinges,
Dir-se-ha que a rosa deve
Assim ficar com pejo,
Quando a furtar-lhe um beijo
O zephyro se atreve.

.....

A bocca é tão vermelha que, em te rindo,
Lembra-me uma romã aberta ao meio
Quando já de madura está cahindo.

.....

Quando a sua mãosinha pondo um dedo
Em seus labios de rosa pouco aberta,
Como timida pomba sempre álerta,
Me impunha ora silencio, ora segredo.

Não ha nada mais gracioso, mais natural, mais espontaneo, mais facil! A gente chega a pasmar de não encontrar todos aquelles dizeres elegantes, todos aquelles versos formosissimos nos outros poetas, tal é a fluencia e a vitalidade d'esta inspiração.

Na voz de João de Deus ha as inflexões carinhosas de uma criança; os versos parecem caricias; teem a suavidade affectuosa das orações de uma santa e aquelle tom amavel e triste, mas nunca pretencioso, dos verdadeiros scismadores:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulo descendo.

. . . . . .

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céo (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem, bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.

*

Camões não a sentiu mais, nem a escreveu melhor esta poesia da tristeza, esta melancolia suave d'um scismador, esta saudade resignada de uma alma nas soledades do infortunio, nos desterros do isolamento. Ha alli poesia para vinte poemas, ha alli suavidade para vinte idyllios.

As rimas parecem beijos, tão estreitas se enlaçam, tão ardentes se casam, tão apaixonadas se apertam:

Que mágoa ou que receio
Dos olhos te desata
Aljofares de prata
No jaspe do teu seio?

Bem intima ser deve
A pena que te opprime,
Flôr tenra como o vime,
Flôr pura como a neve!

. . . . . .

Vós, lobos! ide em bando,
Trepai pelo rochedo,
Uivai, mettei-lhe mêdo,
Levai-a recuando!

Que faz quem se aproxima
D'um precipicio, diz-m'o?
Que buscas tu no abysmo
Se o céo é lá em cima?

É só a lyrica intitulada *Heresta* que me fornece estes quatro exemplos; podia fornecer-me trinta e dois, porque são trinta e duas as quadras d'essa formosa composição.

Ás vezes o verso deixa de ser uma phrase e transforma-se n'um suspiro, a estrophe deixa de ser um canto e converte-se n'um arrulho. Tudo alli é amar, muito profundamente sentir e divinamente cantar:

Que é d'esses cabellos d'oiro
Do mais subido quilate,
D'esses labios escarlate,
Meu thesoiro!

. . . . . .

Que é d'uma flôr da grinalda
Dos teus doirados cabellos,
D'esses olhos, quero vêl-os,
Esmeralda!

Que é d'essa alma que me déste!
D'um sorisso, um só que fôsse,
Da tua bocca tão dôce,
Flôr celeste!

Tua cabeça que é d'ella,
A tua cabeça d'oiro,
Minha pomba! meu thesoiro!
Minha estrella!

. . . . . .

E as desgraças, podia prevêl-as
Quem a terra sustenta no ar,
Quem sustenta no ar as estrellas,
Quem levanta ás estrellas o mar.

Deus podia prevêr a desgraça,
Deus podia prevêr e não quiz;
E não quiz, não... se a nuvem que passa
Tambem póde chamar-se infeliz!

Quem escreve d'isto, sente-o. Um homem não arranca ao seu espirito d'estas perolas sem as lá ter em sentimento e em amor. E só o alto calor d'um grande, d'um immenso coração póde *crystallisar* taes diamantes; o fogo sómente do craneo não produz d'estes milagres d'inspiração:

Não se é só pó no fim de tanta magua,
Senão, diga-me alguem que allivio é este
Que sinto, quando á abobada celeste
Alevanto os meus olhos rasos d'agua.

. . . . . .

Ha depois d'esta vida inda outra vida,
Não se reduz a nada o grão d'arêa,
E havia de a nossa alma, a nossa idéa
Nas ruinas do pó ficar perdida?

Se isto não é inspiração, e alta inspiração, não sei que nome se ha-de dar ás maravilhas do genio

de Dante, de Shakspeare, de Camões ou de Victor Hugo.

Um espirito que se eleva a taes alturas tem obrigação de produzir um *Hamlet*, uma *Divina Comedia* ou uns *Lusiadas*.

Sente-se pela leitura d'este volume que Camões é o author predilecto de João de Deus. O livro abre até por uma composição que póde considerar-se uma verdadeira profissão de fé em poesia. A propria fórma poetica da maior parte das lyricas de João de Deus, um certo geito facil e correntio na composição grammatical dos periodos, a suavidade das rimas, a doçura das expressões, a harmonia cadenciosa dos versos e um certo tom de intima melancolia que se faz sentir até nas idéas as mais graciosas, revelam a decidida predilecção que o cantor da *Heresta* tem pelo desafortunado scismador de Macau.

É esta a feição seria, a feição elevada e talvez caracteristica do genio poetico de João de Deus. Como todas as grandes vocações, como todas as naturezas ricas, João de Deus, porém, não é menos apreciavel, nem menos digno de estudo pelo lado alegre, malicioso e a espaços finamente epigrammatico. Ás vezes chega a ser um observador digno de competir com Molière ou Tolentino. Os *Caturras* é composição de emparelhar com a *Funcção* ou com o *Bilhar* do diabolico professor de rethorica; e o

Gaspar póde pedir meças em ridiculo a qualquer dos *frades* grotescos da numerosa collecção de Bocage. E o epigramma aqui é tanto mais pungente quanto menos grosseiro, e a caricatura tanto mais graciosa quanto menos exagerada.

Ha alli o sal attico de Terencio e não a especiaria acirrante de Plauto, a não ser talvez nos versos intitulados *Uma femea,* brazileiros no titulo e no sabor, d'um *piquesinho* de gosto bastante equivoco.

E já que entrámos no capitulo das maculas, convém dizer-se que João de Deus é por vezes revolucionario de mais em assumptos de metrificação. Eu não gosto de absolutistas nem mesmo em poesia, mas tambem não morro de amores pelos tão republicanos que nos levem á demagogia. É preciso que sejamos um pouco *constitucionaes* em tudo. Ora a *constituição* poetica tem artigos que se não podem infringir sem se incorrer no crime de leso bom gosto, porque o bom gosto foi e ha-de ser sempre o eterno legislador d'estes codigos. Um verso frouxo ou manco e uma rima equivoca ou violenta hão-de ser perpetuamente defeitos.

Quem disser o contrario ou é tolo ou tem ouvidos de cortiça. João de Deus cahe por vezes n'estes dois peccadilhos, deixando alguns versos arrastados, e outros duros; estes porém muito menos frequentes do que os primeiros. Mais frequen-

tes são as rimas violentas, algumas realmente d'um mau gosto insustentavel, taes como: *justiça* rimando com *pinça,* como a paginas 152; *rio* e *viu,* como a paginas 159, e ainda algumas outras.

É da tarifa dizer-se em occasiões semelhantes, como são da tarifa todas as vulgaridades, que não ha livro sem defeitos. Eu creio piamente na sentença, e até creio que um livro sem defeitos, se existisse, devia ser o mais defeituoso de todos os livros, o mais sorna e o mais semsaborão. Eu, porém, quando abro um livro não é para lhe andar a catar os defeitos pagina por pagina, como quem anda ao *pulgão* pelos vinhedos. O que busco n'um livro são ensinamentos, calor de vida, fogo de coração e luz de intelligencia; esplendores de espirito e esplendores de palavra; genio, alma e sentimento.

Ora um livro de versos onde ha composições como a *Rachel, O musgo, Ultimo adeus,* o *Remoinho,* a *Carta,* e trinta outras lyricas de tal novidade e tal merecimento, tem obrigação de ter defeitos, porque sem elles... seria um livro impossivel, uma verdadeira monstruosidade. Diga-se aqui pois, e para se pôr ponto ao aranzel, que o livro de João de Deus tem maculas, mas que estas, como as do sol, desapparecem no meio dos esplendores d'aquella immensa luz de vida, de ge-

nio e de inspiração. *Flôres do Campo* é finalmente um livro de versos, como ha poucos n'este paiz, desde que por cá se escrevem versos [1].

Guarda, 4 de fevereiro de 1869.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

1 *Jornal do Porto* (1869), n.º 33.

LIVROS

REVISTA CRITICA BIBLIOGRAPHICA

ELÔRES DO CAMPO, *por João de Deus, publicadas pelo seu amigo José Antonio Garcia Blanco* — Lisboa, typ. Franco-portugueza, 1868 — Em casa de Ferin & Robin — 1 vol. in-16.º — 271.

João de Deus é um personagem semi-lendario na tradição academica, e apesar de homem do nosso tempo, e tão do nosso que até com um diploma de deputado se nos apresentou ha pouco, anda-lhe o nome rodeado de quasi os mesmos fulgores e as mesmas sombras em que uma historia superficial ou mentirosa envolveu os velhos trovadores da Provença.

Permittam-me uma digressão.

Ha n'esta sociedade portugueza — já agora, ao que parece — condemnada a refocillar em monturo de sanefas lantejouladas e rotas que lhe deixou o

passado, e a dar ao mundo o triste espectaculo d'uma nacionalidade sem *idéa* que a represente na historia philosophica de ámanhã, sem *ideal* que lhe seja pharol e bussola na tormentosa navegação das sociedades d'hoje; ha, digo, n'esta nossa sociedade amortecida, extraordinarias visões, mysteriosos anceios, esforços convulsivos, como que filhos de ignotos impulsos, que bem podoriam passar por agonias e paroxismos annunciadores da proxima dissolução, se um diagnostico escrupuloso não encontrasse antes n'aquillo promessas de reacção proxima, de rejuvenescimento que não vem longe, de evolução fatal, que, em Portugal como em toda a parte, denuncia por aquellas aberrações e anormalidades a sua sublime prenhez d'uma nova idéa, d'uma era nova.

Erguem-se no meio da grasnada petulante ou esteril da litteratura, vozes persistentes... dôces ou enthusiasticas, sympathicas ou ameaçadoras... frescas, novas, *originaes — raræ voces!* — que parece irem na turba desmoralisada pôr em vibração alguma cellulasinha não contaminada do mal.

E a turba põe-se a escutar, a applaudir, a aspirar sofregamente os frescôres e doçuras, que tão enormemente se distanceiam dos miasmas do ambiente habitual, do sabor da habitual pitança.

Alteiam-se, no meio da calaçaria geral, do geral e natural desânimo, vontades energicas, que a

pedraria da mestrança ignorante, intolerante e madraça não consegue desviar um momento da faina do estudo e da evangelisação scientifica.

E a turba vai attentando n'ellas, vai sympathisando com aquelles revolucionarios heroicos do marasmo, vai comparando-os com os idolos anões que, sem ella saber como nem por que se grudaram aos altares da sua admiração, vai fitando os novos horisontes para onde lhe apontam os novos chefes, vai-os seguindo já ao impulso d'uma necessidade indefinivel mas fatal. Ha n'isto, já se vê, alguma coisa d'allucinação infantil. Crê-se que os novos Moysés levam comsigo, completas, as verdadeiras taboas da lei, e rasgarão com a magica varinha as brumas que envolvem a terra da promissão.

Engano. Não lhes dão as forças para mais que para um terço do caminho, se tanto. Mas isso mesmo é muito, é o que basta. Hão-de apparecer novos guias. A questão é sahir da esterilidade do deserto.

Citemos porém dois factos, tiremos dois exemplos, apenas, de tantos que podiamos apresentar da revolução litteraria que se realisa surdamente no seio da nossa pequena sociedade.

Sejam elles, por hoje, dois poetas: Theophilo Braga e João de Deus; dois verdadeiros revolucionarios como outros de que para o diante terei

de fallar. Um, apesar do mal que dizem d'elle, e do mal, que é maior talvez, que elle a si proprio faz, é innegavelmente um dos nossos poucos talentos originaes na concepção e na manifestação litteraria, na *idéa* e na *fórma,* e se não é marco que no futuro atteste um grande e brilhante progresso na litteratura patria, é como que atrio imperfeito e tosco, mas espaçoso e altaneiro que póde servir d'entrada a *pantheon* de esplendidos engenhos.

E grande engenho é Theophilo, de certo.

Por entre uma saraivada d'apodos e improperios de *mau gosto* ou *má fé,* conquistou elle um lugar elevado, na poesia portugueza d'hoje, cujos magnates na maxima parte, persistem, com risivel teimosia, em trazer-lhe engastada na corôa, á laia de fina joia, o carvão da ignorancia, ou em mascararem-na com um falso e retrogrado *classissismo.*

Theophilo porém avançou menos do que devia.

O idealismo desvairou-o, o *romancismo* perdeu-o.

Um dia a voz sympathica, insinuante, ora melancolica e dolorida, ora — bem poucas vezes! — alegre e enthusiastica de João de Deus começou de fluctuar por sobre o borborinho cançado e monotono das nossas letras. Não se sabe como nem quando foi. Perdeu-se a chronologia biographica nos encantos do *quasi* — extasis. Sabe-se sómente que a reputação do poeta não nos entrou na terra, dentro do cavallo de pau d'algum chefe

grego, mestrão consummado n'estas maquinações. Sabe-se tambem que João de Deus não andou por salas e officinas, annunciando a fazenda que tempos depois, atirada ao mercado, podia realisar o caso do *mons parturiens.*

João de Deus apparecia-nos uma ou outra vez n'um periodico de Coimbra; ora nos segredava uma estrophe singela e melodiosa pelo postigo de uma typographia alemtejana; ora surgia em um periodico da capital a contar-nos umas duvidas que o magoavam, umas saudades indefiniveis que o pungiam, uns vagos amores que lhe andavam rumorejando lá dentro em vagas hormonias.

E ninguem sabia quem era João de Deus. E ninguem procurava saber quem fôsse. Ou antes, julgavam todos sabel-o. Conheciam-no todos. Era um cerebro em ebullição, um coração em ataxia permanente, um estomago que valia por uma adega.

João de Deus era um doido que forrava as paredes do albergue com as folhas das *sebentas,* que dormia dentro da enxerga, porque achava mais commodo isto do que dormir-lhe em cima, que se matriculava todos os annos na faculdade em que o secretario universitario se lembrava de matricular-o, que fôra de Coimbra a casa, d'algibeira vazia e lapis constantemente occupado em fazer magnificos versos ou magnificos desenhos, que se fizera um dia sacristão, e pozera n'outro, todo um

bairro em sobresalto, subindo aos telhados para apostrophar a lua, etc., etc.

E as anecdotas galantes succediam-se, e a cada nova poesia annexava-se uma historieta, e quando as poesias escasseavam, attribuiam-se ao poeta novas doidices, novas excentricidades, como a certo honrado e já defunto general se attribuiam quantos dispauterios o soalheiro burguez produzia. Se eu fosse biographo de João de Deus havia talvez de lavrar aqui um protesto esmagador.

Como não sou, limito-me a dizer o que penso do illustre algarviense. *Mais* ou *menos* todos somos poetas. N'este *mais* e n'este *menos* está, creio eu, o segredo da organisação *sensorial*, se póde dizer-se assim, organisação modificada é certo, mas não completamente transformada pelo *meio* e pelo *habito*.

Tal *sensação* que n'uns individuos poria o cerebro n'um estado de effervescencia que lhe *exagerasse* a realidade, a ponto muitas vezes de a substituir por uma concepção puramente subjectiva, em taes outros póde dar apenas o facto funccional em condições normaes e ordinarias, e, concentrando-se, converter-se em reflexão. Precisava isto longo desenvolvimento. Ora como o primeiro modo de ser *sensorial* póde dar-se em todos, mas com *mais* ou *menos* intensidade, com *maior* ou *menor* frequencia, digo eu (e dizem bons escriptores)

que todos são *mais* ou *menos* poetas. Isto quanto ao facto intellectivo. Quanto á expressão, o mesmo se póde dizer sem receio de contestação séria.

Pois na concepção como na palavra eu tenho João de Deus por verdadeiro poeta.

Dizia Merck, homem de profundo bom senso, a Goëthe, seu amigo:

«A tendencia irresistivel do teu genio é a de imprimir a fórma poetica ás coisas *reaes*. Outros procuram uma *soi-disant* poesia transformando em realidades, puras *imaginações*, o que só produz disparates [1].»

Sem concordar incondicionalmente com a primeira phrase do sensato allemão, sem querer aceitar a segunda como lei comprovada de critica litteraria, parece-me que de João de Deus se poderá dizer que reune as duas tendencias, as duas feições designadas, a *idealisação* (phrase consagrada e por ventura inexacta) do *real*, e a personificação, melhor talvez, a realisação plastica do *imaginario*.

Como que as sensações sensoriaes [2] n'aquel-

1 *Goëthe et Schiller* por E. Rambert. (*Revue Suisse* — fev. 1869).

2 Quando digo «sensações sensoriaes», fallo das sensações «externas e internas» como vulgarmente se classificam, e não excluo as que se dão sem realidade objectiva que as provoque, e que constituem o estado pathologico da «allucinação», estado a que por ventura se poderia reduzir algumas vezes, creio, o «mens divinior» dos antigos. Esta ultima ob-

le cerebro delicado, ou através d'aquelle organismo exageradamente impressionavel se destacam algumas vezes do estimulo, ou alteram a natureza da propria objectividade e criam um mundo novo, um mundo mystico, permittam-me a expressão, a que o poeta dá uma realidade objectiva moldando-o pelas manifestações plasticas do mundo em que vive. Acontece, porém, poucas vezes, nem podia deixar de ser assim, quando a indole da época e a illustração do poeta se estão oppondo á formação e sustentação d'estas concepções puramente subjectivas. Adivinha-se aqui ou alli a lucta tremenda que vai no cerebro de João de Deus, lucta que é a feição caracteristica do seculo, e que o manto esfarrapado do eclectismo immoral não consegue abafar, lucta entre o velho *crêr* e a *duvida*, a duvida, que, como a hydra da mythologia, surge após cada decepamento, e que não é possivel destruir, como aquella, decepando-lhe o tronco.

Ouvide úm exemplo:

Prestes, se inda na rocha de granito
D'onde em tempo me-vias, te sentares,
Não olhes para a terra, ou para os mares,
Olha sim para o céo, que é lá que habíto.

servação é minha, as anteriores são de Luys (*Recherches sur le systême nerveux*, etc., etc., cit. par Littré) e E. Littré, *De le méthode en psychologie* (Phil. posit. — Revue — 1er vol.)

Lá, tão longe de ti, mas não do terno,
Bondoso pai que os dois nos ha gerado,
Só para mágoas não, que bem guardado
Nos tem tambem no céo prazer eterno.

Que profunda crença, que certeza *mystica,* se póde dizer-se assim, não rescende a suave *morbidezza* d'estes versos! Ha alli alguma coisa do cantor da Bice. Vêde porém a tempestade que se annuncia; a duvida atravessou como um relampago o cerebro do poeta. Ouvide:

Não se é só pó no fim de tanta mágoa,
Senão, diga-me alguem que allivio é este
Que sinto, quando á abobada celeste
Alevanto os meus olhos rasos d'agua?

Mentem os céos *tambem?* Os céos maldigo.
Feras, tigres *tambem* o céo povoam?
Tambem os labios lá sorrindo coam
Veneno desleal em beijo amigo?

Mas na dôr é que os astros nos sorriem,
E os homens não sorriem na desdita.
Astros! fio-me em vós, e Deus permitta
Que os infelizes sempre em vós se fiem.

Refaz-se a crença, resurge a esperança consoladora:

Ha depois d'esta vida uma outra vida.
Não se reduz a nada um grão d'arêa,
E havia de a nossa alma, a nossa idêa,
Nas ruinas do pó ficar perdida?

Pobre sonhador! Aquelle segundo verso é um protesto ironico contra o teu ideal mystico, é *o grão d'arêa* que ha-de entorpecer e desmandar todo o machinismo psychologico da tua crença!

Continúa:

Isso que pensa e quer (até me admiro),
Isso que a luz nos traz, que a luz nos leva, etc.

e acrescenta:

Onde, não sei eu bem, mas sei que existe
Deus remunerador. Depois de mortos
Hemos de vêr-nos e um no outro absortos
Fartar de glorias este amor tão triste.

Tão triste e... (o coração que me adivinha?)
N'este supplicio nosso, *este tormento,*
Nunca dos labios teus minimo alento
N'um só beijo bebi em vida minha!

Fulge de novo o relampago, baqueia o edificio da crença, vêde que tormento:

E morro sem te vêr! Cabeça doida
Desasisado amor! sonhar afflicto
Um sonho até morrer...

Pobre Hamlet!

... *the rest is silence*

Um sonho até morrer... Não: resuscito;
Morto tenho eu vivido a vida toda.

Pobre Faust! O *insufficiente* (das Unzulœngliche) atormenta-te, porque te fascina o *inenarravel* (das Unberchreiblichee). Que tempo precioso perde comtigo o sensato Mephistopheles!

Preferes á gargalhada que te chama á realidade da vida, o *chorus mysticus* que te amargura a existencia com a mentira da miragem!

João de Deus é rigorosamente um artista *insaciavel:* «Satiari artis cupiditate non quit», como diria Plinio.

Adivinha-se em cada estrophe d'elle um anciar indefinivel, um vago aspirar, se póde dizer-se assim, uma como que miragem que attrahe o poeta, que o alenta umas vezes e o desespera não poucas, que parece enviar-lhe dos visos do horisonte uns suaves frescôres envoltos em deliciosos perfumes, e que, como a miragem do deserto, lhe foge sempre aos labios sequiosos.

E o pobre viandante vai caminhando e cantando sempre. E' um descantar dolorido geralmente,

como que descantar de saudade do que sonhou e não acha, e não goza, e não encontra no caminho, como que de *saudade* do que lhe foge sempre, deixem-me usar a dôce palavra que bem sei eu que não fica ella bem lexicographicamente applicada.

E assim, com a imaginação embalada por um vago *ideal,* vai João de Deus *poetisando,* como Goëthe na opinião do seu, já citado amigo, tudo o que no caminho encontra. Poucas vezes se lhe altera a harmonia cerebral ao impulso d'uma vibração mais violenta. Os successivos amores — fundem quasi n'uma abstracção, parecem subtilisar-se até no *feminino eterno* do cantor do Fausto. Hoje Margarida, ámanhã Helena, depois... Depois quem sabe?

Hoje Marina. E' uma recordação.

Como esse olhar é dôce!
Dôce da mesma sorte
Como se nunca fôsse
Toldado pela morte,

Como se alumiasse
O sol ainda em vida
As rosas d'essa face,
Agora carcomida.

Colhesse-as eu mais cedo
E logo que alvorece,
Já não tivesse mêdo
Que a terra m'as comesse.

.....

Se um dia nos meus braços
Te desbotasse as côres,
Passavam os abraços...
Passavam os amores!...

Oh não: mil vezes antes
No céo, lá onde habitas,
E os rapidos instantes
Que vens e me visitas

N'este degredo nosso
Que tanta gente estima,
E eu, só porque não posso,
Não largo e vou lá cima.

Vem tu cá baixo, abala, etc.

.....

Ha uma hora ou mais,
Marina! que contemplo
A casa de teus paes,
Que é para mim um templo.

.....

E esta vida um mar
E bem se póde á gente,
Marina, comparar
A rapida corrente

Que vai de lado a lado
Por esses valles fóra
Sem nunca lhe ser dado
Ter a menor demora:

Pára, quando a engole
Aquelle mar sem fundo;
Nem pára, é como o sol
E como todo o mundo.

.....

Custa a resistir á tentação de transplantar para aqui completas, estas magnificas *singelezas*. Não ha n'aquillo alguma coisa do que é espontaneo e bello na *Vita nouva*?

Mas, como dissemos, o poeta aproxima-se tambem do *Faust* da volubilidade artistica.

Maria! vêr-te á porta a fazer meia
Olhando para mim de vez em quando
É o que n'esta vida me recreia.

.....

E eu pallido, Maria! o pensamento
Não é trabalho que nos dê saude,
Esta imaginação é um tormento.

.....

É que a gente na sua mocidade
Não cabe em si, não pára de contente,
E assim fui eu na flôr da minha idade.

Tu eras n'esse tempo simplesmente
A flôr que vai nascendo e mais valia
Seres tão terna ainda e innocente.

Já esse lindo pé que tens, Maria!
Esse quadril tão largo e cinta estreita
Me não vinha á idéa noite e dia;

Esses encontros de mulher perfeita,
Esse peito redondo e arqueado
Como o de pomba farta e satisfeita;

Talvez vivesse então mais socegado,
Ou, já que a minha sorte é sempre triste,
Ao menos não andasse enfeitiçado.

.....

Depois é Margarida:

Oh! que formosos dias, Margarida!
Esses, etc. etc.

Depois... Ha nomes que não se proferem, que não se denunciam. São como certo nome do Deus judaico.

O poeta diz simplesmente: *No leito nupcial.* Um nome depois d'isto fôra mais que uma profanação, fôra uma infamia. Julgaes porém que ides ouvir uma recriminação amarga ou uma indiscrição villã?

Dorme, estatua de neve,
Vergontea de marfim!
Tocar que impio se atreve
No que é sagrado assim!

Dois são: o mais, mysterio
Vedado á terra. Deus
Talvez do solio ethereo
Nem baixe os olhos seus.

Respeita-os, tapa-os, como
Japhet e Sem, o pai...
Pende, sagrado pomo!
A vista ergue-se e cahe.

Ergue-se e cahe conforme
A lei que o manda assim,
Ergue-se e... dorme, dorme,
Vergontea de marfim!

.....

Não segue acaso a sombra
Teu corpo sempre, flôr?
E pois, porque te assombra
Meu insensato amor?

.....

Depois é Beatriz:

Tu és o cheiro que exhala,
Ao ir-se abrindo, uma flôr;
Tu és o collo que embala
Suas primicias d'amor.

Tu és um beijo materno,
Tu és um riso infantil;
Sol entre as nuvens do inverno,
Rosa entre as flôres d'abril.

Tu és a rosa de maio,
Tua és a flammula azul
Que atam á flecha do raio
As nuvens negras do sul.

E assim vai cantando sempre, de nome em nome, e de mysterio em mysterio e d'amor em amor, de duvida em duvida, de saudade em saudade, de anceio em anceio. Não ha Beatriz que o retenha e lhe oiça o *Ecce Deos fortior me veniens dominabitur mihi.*

Um dia encontra uma mulher formosa, joven, alegre. Ama. Será amado?

Amas-me a mim! perdôa,
É impossivel! Não,
Não ha quem se condôa
Da minha solidão.

Como podia eu triste,
Ah! inspirar-te amor,
Um dia que me viste,
Se é que me viste... flôr!

.....

Via-te arfar o seio...
Corar... mudar de côr,
E embora, ah! não, não creio,
Tu não me tens amor!

E o sonho foi-se e a visão desappareceu. Como se chamava aquella mulher? vão lá saber como se chama a estrella cadente que rasga a amplidão do espaço e desapparece n'ella?

E foi uma estrella cadente, aquella. Perdoem a indiscrição.

Outro dia é o poeta que se afasta, que foge, porque receia macular com o seu halito o puro fulgor da estrella.

Tenho-te muito amor,
E amas-me muito, creio,
Mas ouve-me, receio
Tornar-te desgraçada.
O homem, minha amada,
Não perde nada, gosa;
Mas a mulher é rosa...
Sim, a mulher é flôr!

Ora, e a flôr, vê tu
No que ella se resume...
Faltando-lhe o perfume,
Que é a essencia d'ella,
A mais viçosa e bella,
Vê-a a gente e... basta.
Sê sempre, sempre casta!
Terás... quanto possuo!

Vou findar com as transcripções, que bastam as que ficam feitas para comprovar o que ácerca d'estas mimosas poesias e d'este original poeta tenho dito e hei-de para o diante dizer. Não posso porém resistir á tentação de citar ainda uns trechos d'uma das mais bellas e caracteristicas composições de João de Deus. Podesse eu transcrevel-a toda!

Não tem nome. Chamam-lhe alguns «A vida». Innumeras vezes tem ella feito cessar as alegrias das salas e interrompido brilhantes festas como o austero bispo de certa poesia de Thomaz Ribeiro,

para mendigar ao sentimento das damas um condoimento de triste sympathia pelas intimas amarguras do poeta. Tem por epigraphe aquellas formosas palavras do Tasso:

Cosi trapassa al trapassar d'un giorno, etc.

e começa:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulo descendo.

Em se ella annuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo annuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura,
Como os anjos do céo (*se o não sonharam...*)
Quiz mostrar-me que o bem, bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.

Estas linhas fazem recordar Camões. Ha n'este tristuras que se manifestam por versos parecidos, mas eu prefiro estes ao tão conhecido soneto da «Alma minha gentil», etc. Parece denunciar-se

n'esta singeleza *morbida,* se póde dizer-se assim, mais sentimento e espontaneidade.

Vamos mais além. Que superabundancia de imagens! Que riqueza e variedade de *sensação!* Que esplendidos quadros! Que magnificencia de colorido!

Ah! quando no seu collo reclinado
—Collo mais puro e candido *que arminho,*
Como abelha na flôr do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado:

Quando *á luz dos seus olhos* (que era vêl-os,
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)
Lia na sua bocca a *Biblia santa*
Escripta em letra *côr dos seus cabellos;*

Quando aquella mãosinha pondo um dedo
Em seus labios de *rosa pouco aberta,*
Como timida pomba sempre álerta,
Me impunha ora silencio, ora segredo;

Quando, *como a alveloa,* delicada,
E linda *como a flôr* que haja mais linda
Passava *como o cysne* ou *como ainda*
Antes do sol raiar, *nuvem doirada;*

. . . . . .

Quando a *cruz* do collar do seu pescoço,
Estendendo-me os braços, como estende
O symbolo d'amor que as almas prende,
Me dizia... o que ás mais dizer não oiço;

. . . . . .

Quando o *oiro* da trança aos ventos dando
E a *neve* do seu collo e seu vestido
—*Pomba* que do seu par se ia perdido,
Já de longe lhe ouvia o peito arfando [1];

Tinha o *céo* da minha alma as sete côres, etc.

. . . . . .

Que é d'esses cabellos d'oiro
Do mais subido quilate,
D'esses labios escarlate,
Meu thesoiro!

Que é d'esse halito, que ainda
O coração me perfuma!
Que é do teu collo de espuma,
Pomba linda!

. . . . . .

1 Seguia-se a seguinte quadra, que não apparece na collecção e que eu acho não só igual em belleza ás citadas, mas superior a algumas:

Quando *o annel* da bocca luzidia,
Vermelha *como a rosa cheia d'agoa*
Em beijos á saudade abrindo a mágoa
Mil rosas pela face me esparzia;

De dia a estrella d'alva empallidece;
E a luz do dia eterno te ha ferido.
Em teu languido olhar adormecido
Nunca me um dia em vida amanhecêsse.

Foste a concha da praia. A flôr parece
Mais ditosa que tu. Quem te ha partido,
Meu calix de crystal, onde hei bebido
Os nectares do céo... *se um céo houvesse!*

Fonte pura das lagrimas que choro [1]!
Quem, tão menina e moça, desmanchado
Te ha pelas nuvens os cabellos d'oiro!

. . . . . .

A vida é o dia d'hoje,
A vida é ai que mal sôa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que vôa!
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvai:
A vida dura um momento;
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cai!

1 Variante:

Oh lagrima das lagrimas que choro!

A vida é flôr na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrella cadente,
Vôa mais leve que a ave;
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares
Uma após outra lançou,
A vida — penna cahida
Da aza da ave ferida,
De valle em valle impellida,
A vida o vento a levou!

. . . . . .

Talvez, é hoje a Biblia, o livro aberto
Que eu só ponho ante mim nas rochas, quando
Vou pelo mundo vêr se a posso vêr;
E onde, como a palmeira do deserto,
Apenas vejo aos pés, inquieta ondeando,
A sombra do meu sêr.

. . . . . .

Depois d'isto comprehendeu-se que João de Deus se propozesse a traduzir o *Cantico dos Canticos.*

Como, se bem me lembro, diz Herder, os elementos primordiaes da poesia hebraica são a *sensação* e a *imagem,* e posto que, no meu entender, a boa critica não possa monopolisar aquella feição em favor apenas d'aquella poesia, porque ella é caracteristica de todas as litteraturas na sua genese,

e nos primeiros periodos de constituição, em quanto predominam no homem os sentimentos elementares, como diz Veron [1], comtudo a poesia hebraica propriamente tal quasi não chega a ultrapassar o periodo d'aquelle predominio. Podiam talvez accusar-se os versos que acabo de transcrever de certo *garridismo,* que mal iria ao sentimento que exprimem, se a violencia d'esse sentimento, o estado de exaltação sensorial não estivessem justificando o que parece defeito aos leitores, que não sintam a transfusão psychologica que muitos hão-de experimentar ante aquelles versos magnificos.

A poesia de João de Deus é verdadeira musica. Se eu estivesse agora para combater os que julgam como Lamartine [2] que a *versificação,* o rythmo, a cadencia, a rima, são cousas indifferentes á poesia na « época adiantada e verdadeiramente intellectual dos povos modernos », os que teem tudo isso, como Heine (cit. por Max. Buchon) por completa puerilidade, para valente comprovação me podiam servir os versos do nosso poeta.

São elles geralmente como que uma psalmodia. Allia-se a musica e a poesia que tantos querem distanciar, como se o rythmo fosse apenas elemento especial d'uma arte. João de Deus como que tem

1 *Supériorité des arts modernes.*
2 *Cours fam. de litt.*

*

uma rythmopêa espontanea. Sahe-lhe o verso moldado pela idéa e pelo sentimento, e n'este como n'aquelle a modulação existe pelas fataes variantes dos estimulos e das vibrações cerebraes. Procuraram os gregos systematisar as relações do rythmo para com a idéa e o sentimento, como se fôra possivel marcar limite numerico aos modos de ser do pensamento, ou aos productos da actividade intellectual e esthetica. Se, pois, em muitos casos, são aceitaveis as velhas regras, geralmente a rythmopêa deve ser producto espontaneo, e não *canon* de escóla. E porque se dá o primeiro caso em João de Deus, é que talvez se revela nos seus versos, bem salientemente, o cunho da personalidade, condição essencial d'uma obra poetica. É necessario não perder aquella de vista, porque, como diz o critico francez, que atraz citei, o verdadeiro merecimento na poesia, está antes na esthesia do poeta do que na do leitor. Ora bastam as transcripções que fiz para vêr como a personalidade do poeta, o seu sentir e pensar se patenteiam na expressão, na *fórma*, que em outros escriptores mal disfarça com arrebiques e ouropeis a carencia da sensibilidade e inspiração pessoal.

Ha mais *poesia* n'algumas *singelezas* de João de Deus do que em muitos *versos* laureados que por ahi correm como modêlos de *metrificação*, e que bem podem sêl-o, o que não basta de certo.

Mais poesia em pobre margarida
Que aos pés se pisa, enthesoirada vejo,
Que em muita madreperola polida
Que as cinzas guarda de finado harpejo.

Toquei eu agora n'uma das melhores poesias de João de Deus, poesia que elle diz ser fragmento, e fragmento que bem faz desejar a apparição da obra toda.

Vou ainda transcrever alguns trechos que lançam de certo muita luz sobre o vulto, quasi lendario do poeta, em pontos menos esclarecidos pelas transcripções anteriores.

Padre, ministro do Crucificado,
É bom ferreiro afeiçoando o ferro
Com que ha-de prestes ir rompendo o arado
Os campos d'este secular desterro...

. . . . . .

Na montanha da Fé, mulher formosa
Se ante mim a meus pés desenrolasse,
Como o demonio, a vastidão pasmosa
Que elle dava a Jesus se o adorasse,
E me pedisse em premio uma só coisa
Ás mãos de minha mãi furtar a face;
Eu lançava-lhe o cuspo...

. . . . . .

Vêde-a ao berço, sofrega de vida,
Que a sua é pouca para dar ao filho!

Ella em cama de espinhos, mal vestida,
Elle enfaxado, em berço de tomilho;
Ella em continua, azafamada lida,
Elle vendo se apanha á luz o brilho...
Já descobrindo em tão tenrinha idade
Que toda a sua sêde é de verdade.

. . . . . .

Irmãs da Caridade! A Caridade
Tem só duas irmãs — a Fé e a Esperança;
Não traja as côres só d'uma irmandade,
Traja as côres do arco da alliança;
Leva sósinha o pão da piedade,
Tira da roda essa infeliz criança...
Roda da vida que anda de tal sorte
Que, em se lhe dando, é já contar com a morte.

Bemdita sejas tu, victima triste
D'um peito amante e d'um amante ingrato!
Que nunca á mesma loba lançar viste
Inda mamando o cachorrinho ao mato;
Bemdita sejas tu, que o que pariste
Teu fructo, imagem tua e teu retrato
Conservas como espelho onde te vejas;
Bemdita sejas tu, bemdita sejas.

. . . . . .

Acaso é só doirada, altiva estola
Que liga os corpos em as mãos ligando,
Confunde os corações e faz em summa
Que a Deus se elevem duas almas n'uma?

Ahi tendes o apostolo, o campeão social. Não lhe aceiteis, muito embora, a doutrina. Acatai-lhe a generosidade, a grandeza da *idéa*, a robustez da convicção. Que poema enorme, magestoso e bello não será aquelle!

Colligir as poesias de João de Deus que por ahi andavam dispersas, mutiladas e perdidas, foi de certo um grande serviço ás patrias letras.

Prestou-o o snr. José Antonio Garcia Blanco.

Poeta mais original, mais rico, mais verdadeiro do que aquelle, não conheço na litteratura portugueza, e tanto como elle, ha-de ser difficil de encontrar entre nós, na litteratura d'hoje. Um certo *mysticismo* mal definido que recendem as suas poesias, é menos producto da tradição que originalidade genial. João de Deus é um homem do meio-dia com o vago anciar d'um poeta do norte. Opprime-o o *insufficiente* como ao Faust. Se lhe désse para ser philosopho, onde iria parar?...

Como poeta tem alguma coisa de Ossian com alguma coisa de Goëthe [1]...

LUCIANO CORDEIRO.

1 *Revolução de Setembro* (1869), n.os 8012, 8015 e 8023.

FLORES DO CAMPO

DE

JOÃO DE DEUS

E indispensavel crêr na poesia como se crê no Evangelho, como se acredita em Deus. No perpassar d'esta via dolorosa, cortada a todo o passo de agrestes sinuosidades, a poesia, luzindo de quando em quando ao viajeiro extenuado como um iris de bonança, significa a mais completa redempção da materia pelo espirito.

Aguia sobranceira que elevando-se até perder de vista o lodo em que se immergem tantos e tantos sêres, vai roçar com a fimbria da aza a crista das nuvens, confundindo os seus arrulhos mysteriosos com as melodias dos seraphins!

Creou Deus a poesia para que a primavera com os seus canticos e perfumes, com a sua opulenta

vegetação, encontrasse quem a comprehendesse, quem a cantasse: creou Deus a poesia para escarmento ao vicio, distanciando-nos do finito que é o começo do scepticismo, para o infinito que é Deus! Surgiu a poesia para que nas trevas de um mundo que ri de tudo como Democrito, que tudo amesquinha, brilhasse uma luz que, só de vêl-a, a alma se purificasse e o espirito adejasse para o ideal.

Não chamem á poesia trivialidade.

Estudem os seculos; contemplem as nações e digam se a poesia teve ou não extraordinaria influencia nos grandes acontecimentos sociaes.

Quem, senão Rouget de l'Isle, ergueu palpitante toda a França com umas quantas estrophes, a *Marseillaise?*

Não foram os versos de Shakespeare, de Milton, de Pope, que poderosamente concorreram a immortalisar a Inglaterra?

Portugal não deve a fama da sua gloria aos *Lusiadas* de Camões?

Consintam os homens de algarismos, os materialistas que antepõem a carne ao espirito, que fazem d'ella o seu credo, que os poetas, os sonhadores de chimeras, deixem devanear a imaginação por esses horisontes de anil; deixem que reclinados á prôa do baixel da vida namorem o azul das aguas depois de terem contemplado o dos céos.

Ai da humanidade, se o poeta deixar pender a

fronte desalentada ao partirem-se-lhe as cordas da lyra! a prosa invadirá o santuario dos mais nobres estimulos, e o sceptico exultará ao soltar a sua risada infernal como a dos condemnados do Dante.

Não sei quantas vezes temos lido as *Flôres do Campo,* exhaurindo sempre novos e exquisitos perfumes.

Tem isso a originalidade, que é o distinctivo d'este poeta. Costumamos dizer com referencia a qualquer notavel escriptor nosso: aquelle talento tem a suavidade de Lamartine, o sentimento de A. de Musset, o mysticismo de Chateaubriand, a ironia de Byron, a energia apaixonada de Victor Hugo.

Porque não havemos de dizer que João de Deus tem o cunho original da poesia portugueza na sua mais genuina expressão?! Quem se compraz em parodiar constantemente os usos e idiomas dos de fóra, deve, uma vez por outra, ufanar-se do que tem de seu original e portuguez de lei, como o é João de Deus em todos os seus escriptos.

Através dos versos do mimoso poeta contemplam-se as noites estrelladas de Portugal, o Tejo com as risonhas margens, Coimbra com a sua *Fonte das Lagrimas,* o clima emfim e a vegetação esplendida d'este pequeno eden!

Vê-se que este poeta é portuguez de feição, e

comprehende-se quanto na patria de Camões e Garrett a poesia se manifesta espontanea e esplendida na fórma e idéa!

Começa o livro com a poesia *Camões e Byron*, e termina com o *Cantico dos Canticos:* abre pois com chave de prata para fechar com chave de oiro.

Ha estrophes de uma suavidade tão nimiamente infantil, tão peculiarmente despretenciosa, que a ninguem senão a João de Deus poderiam attribuir-se, quando mesmo o seu nome não estivesse engrinaldando luxuosamente o addito d'este livro.

Citaremos, entre muitas, estas:

Maria! vêr-te á porta a fazer meia
Olhando para mim de vez em quando,
É o que n'esta vida me recreia.

.....

Esses olhos azues... que olhar! Receio
E desejo estar sempre a contemplal-o;
Não ha mais dôce e mais custoso enleio.

.....

Bem podéras, Maria, andar tapada
Só com o teu cabello, á semelhança
Do sol em nuvem de manhã doirada.

.....

A bocca é tão vermelha que, em te rindo,
Lembra-me uma romã aberta ao meio,
Quando já de madura está cahindo.

Na poesia *Innocencia* revela o poeta, a par de uma finura de sentimento e extrema sensibilidade, um preito á virtude, que toda a mulher que a lêr deve necessariamente sentir-se attrahida por um sentimento de gratidão para quem a escreveu:

Casta innocencia, de Deus filha e bella
Entre as mais bellas! virginal aroma!
Rosa ineffavel, que, se á luz assoma,
Haste e raiz apodreceu com ella!

Percebemos tambem que João de Deus pertence ao numero dos crentes, ainda tão mal limitado; provam-o exuberantemente as suas poesias *Luz da Fé, Fragmento,* e varias outras.

Deus era inda meu pai. E em quanto pude
Li o seu nome em tudo quanto existe;
No campo em flôr; na praia arida e triste,
No céo, no mar, na terra e... na virtude!

Como o poeta adora a poesia e o quanto tem d'ella feito o seu credo, dil-o eloquentemente esta quadra:

Oh! poesia, poesia altissima
Como o fecho do empyreo! eu me ajoelho
E beijo a tua base, harpa celeste!
O coração — a corda que nos déste.

Na alma d'este homem que tem na fronte uma estrella de fogo e talvez um martyrio no coração, suspiram ternuras indiziveis que a sua lyra traduz em canticos suavissimos:

E do sangue e das mães que eu fallo, e certo,
Que ha na vida mais santo? O sangue é vida;
E as mães fontes de vida: eu nunca esperto
Esta lampada d'alma, suspendida
Na abobada eterna e que tão perto
Parece ter a origem.....
..... senão quando
Vejo essa cara imagem suspirando.

Querem dizer, e talvez com razão, que João de Deus abusa da rima deixando-a por vezes defeituosa.

A meu vêr esta pecha está na razão das manchas que o sol contém, mas que os nossos olhos não descobrem sem o auxilio do telescopio, o que não obsta a que o sol seja o astro do dia.

«Marcar balizas á poesia, é impossivel, diz um illustre poeta e critico, a poesia é livre como o pensamento, e grande como a immensidade.»

Eis-ahi está o segredo da culpa, e *feliz culpa!*

Se João de Deus pertencesse a um certo numero de poetas que esgravatam na arêa e folheiam livros alheios primeiro que possam rabiscar algumas insulsas linhas, talvez a rima lhe sahisse menos incorrecta segundo a arte, mas acanhada e rachitica segundo o pensamento.

A verdadeira poesia, como diz C. de Figueiredo, surge livre como a natureza; irrompe, inunda de luz de fogo, sem muitas vezes poder sujeitar-se aos acanhados moldes da arte.

Apparece-nos o poeta, namorado como Bernardim Ribeiro, n'estas dulcissimas estrophes:

Não ha existencia alguma
Que não tenha amor, nenhuma;
Porque o amor, é, em summa,
Essencia de todo o sêr.
Ha sempre quem nos attráia,
Mil vezes que a onda cáia,
Ha uma rocha, uma praia
Aonde a onda vai ter.

Seria um nunca acabar se fôssemos a exarar aqui todas as preciosissimas joias d'esta corôa opulenta que veio enriquecer a nossa litteratura.

Apartamo-nos do livro com extrema saudade, recommendando á leitora, que por acaso ainda o

não possue, a prompta acquisição d'elle para collocal-o ao lado das rosas, jasmins e violetas com que, durante a formosa estação que se avisinha, ha-de perfumar o seu *boudoir* [1].

D. Guiomar Torrezão.

1 *Voz Feminina* (1869), n.º 60.

ANNO LITTERARIO DE 1869

CARTAS A J. SIMÕES DIAS

Á hora dos phantasmas, á meia noite, escreveste o *Anno litterario de 1868*. A noite é sombria e triste; e por isso as tuas reflexões humoristicas não occultam de todo a descrença, a tristeza e o desânimo, com que espalhaste a vista pelas coisas litterarias da nossa terra.

Fundado ou infundado, não chamarei eu esse desalento, porque, de onde em onde, nos encontrariamos, se eu fosse ajustar o padrão da tua critica ao juizo que eu fizesse de producções da arte.

Não posso, comtudo, deixar de querer muito a essa franqueza, que é o teu caracter, e a tua regra em materias de critica. E tanto mais lhe quero, quanto eu reconheço que a franqueza, hoje em dia, é fazenda de contrabando nas nossas alfandegas litterarias.

Quando o anno de 1868 pertencia já ao passado, scismavas á meia noite sobre o mau rumo que

te pareceu levarem as nossas letras. Eu sou um pouco mais crente, e menos atrabiliario: á entrada de 1869, estendo os olhos ao futuro, e espero e creio muito, porque já não são de pouca monta as primicias que nos offerece o anno litterario de 1869. Fallo das *Flôres do Campo* de João de Deus.

Com a analyse d'este livro, abro uma serie de apreciações, em que te fallarei das obras poeticas que n'este anno, e em Portugal, se derem á estampa. O meu voto, em materia alguma tem força, nem eu procuro dar-lh'a, para se insinuar no animo do publico: é um voto individual, em que apenas acharás o merito da sinceridade e da franqueza.

Direi de caminho que não sigo a trilha que me deixou o teu *Anno litterario.* Não deslembrarei os preceitos da critica analytica, para não apreciar, em synthese, obras que exigem demorado exame das suas partes.

Tambem não escolho, para te escrever, a hora lugubre dos phantasmas. Começo a escrever-te ás horas d'uma esplendida manhã, espalhando os olhos por aquellas duas margens do nosso Mondego: a relva rasteira que as veste, e que me falla de vagas esperanças, ha-de desentranhar-se em flôres e fructos. Deixa-me crêr muito no dia de ámanhã.

E porque não virão as flôres da poesia derramar perfumes sob este céo de Portugal, n'este *jardim da Europa,* onde já suspirou melodias Bernar-

dim, Camões, Garrett, Castilho! Não morre a poesia portugueza: a estatua da deusa ainda não tremeu na peanha; e quando os iconoclastas do bello quizessem contra ella erguer braços profanos, a quantos apostolos da arte não teriam de suffocar a voz!

Bem-vindos sejam estes sonhadores de chimeras, estes utopistas cheios de alma e coração, luctando de contínuo com o mundo real, e de contínuo erguendo-nos a mundos imaginarios, mas bellos d'uma belleza que não é da terra!

Fallo-te da poesia individual, e eu sei bem que lhe não queres tanto como eu. Desejas que a poesia se concentre no mundo estreito dos fins sociaes; entendes que a poesia deve de limitar-se a mostrar o caminho á humanidade que marcha, ou á exaltação dos dogmas do seculo. Por certo que se não desvirtua a poesia, seguindo por taes veredas; mas o genio não tem pêas nem limites: veste de luz o lirio dos valles: alumia a estrada ao caminheiro da vida; doira as arestas do serro escalvado; enche a noite de luz; de fulgores inunda o espirito, e não sei por quantos mundos nos leva a alma absorta!

Marcar balizas á poesia, é impossivel, porque a poesia é livre como o pensamento.

Deixa pois cantar os poetas que levantaram a vista do pó da terra, onde tudo é limitado como a materia, e vil como o gusano das ossadas. Deixa

que eu te falle de um poeta, cujo espirito é aguia que raro avisinha a ponta das azas aos marneis da sociedade. A gente pasma da altura a que se eleva aquelle espirito, e acontece ás vezes que a nossa vista não póde acompanhar tão levantados vôos: perde-se elle no vacuo, e, quando divaga em mares de luz, ficâmos nós em trevas, sem vêr a direcção que elle toma...

João de Deus não canta para a sociedade, canta para si. Quer discorra por vergeis de poesia singela e perfumada, quer se eleve a alturas desmedidas, não se importa de que lhe não oiçam nem entendam o canto sempre harmonioso. É talvez por isso que elle não publicou, nem publicaria as *Flôres do Campo*.

Ao amigo que lh'as estampou, muito devemos nós todos os que prezamos as nossas boas letras.

Agora se me offerece caso para cogitações profundas: as *Flôres do Campo* sahiram a lume ha quasi um mez, e, até á data em que te escrevo, dormem os nossos criticos a bom levar, sem que uma palavra lhes haja irrompido dos labios, sobre o merecimento d'este magnifico livro. Aqui, ha por força caso virgem, mas... ponto em bocca.

E pois que os criticos não querem, ou não ousam, pronunciar o seu *veredictum*, vou eu mostrar-te o valor em que tenho as *Flôres do Campo*, por que me digas ao depois se não são ellas, para a

nossa litteratura, prenuncios d'um outono avergado de fructos.

Quando o visconde de Chateaubriand trabalhava por agremiar em torno da cruz as multidões, que ainda sentiam nos ouvidos a voz tentadora de Robespierre e Mirabeau, surgia na Inglaterra um homem extraordinario, personificação pasmosa do genio e do scepticismo — lord Byron.

Ninguem como o cantor do *Childe Harold,* pôde jámais alliar uma alma de poeta ao scepticismo, á duvida, á frieza, que ressumbram de cada verso do Don Juan:

> For me, I know nought; nothing I deny,
> Admit, reject, contemn; and what know you,
> Except perhaps that you were born to die?
> And both may after all turn out in true.

Mas... na mente de Byron reflectia-se uma das tendencias mais caracteristicas da sociedade contemporanea; o scepticismo apresentou-se revestido com a aureola do genio, ergueu-se como chamma incendiaria, e lavrou pela litteratura do seculo.

Que restava aos adeptos da poesia? O maior numero, como os companheiros de Ulysses, deixou-se arrastar pelos cantos da sereia, e, se não abordou á ilha encantada, d'onde lhe acenava a gloria, mediu a profundeza do abysmo que a tentação lhe abriu aos pés...; outros, refugiram á attracção e

velejaram alegres por onde os não batessem os pampeiros da descrença e do scepticismo.

A poesia que abre o livro de João de Deus é o emblema dos dois rumos por onde tomam os argonautas da arte, e estrema o scepticismo e crença, *Camões e Byron*. Não sei se esta composição vale muito aos olhos dos mestres; para mim, é das mais somenos de João de Deus, e, se não fôra collocada alli para denunciar, talvez, as crenças litterarias do author, não a quizera vêr á entrada d'este livro. A arte exige para um edificio primoroso um portico lavrado a primor.

Na composição alludida, se a idéa é grande e original, a fórma que a reveste não, não é perfeita; sem fórma não concebo arte, e sem arte não se traduz o sentimento do bello.

Não vás porém julgar que estou dando lições de poetica a um poeta como João de Deus. Mais do que ninguem, conhece elle por ventura os defeitos do seu livro, e, se os poupou, ao limar os seus versos, é que não teve em tanta conta, como geralmente se tem, certas exigencias da arte.

Que vês? — Sóes, de tal sorte
Que os crêra tochas *pallidas*,
Quando as guedelhas, *madidas*
De sangue, arrasta a morte.

. . . . . .

—Falla. —Deus! que harmonia!
Aqui a alma *exalta-se;*
A alma aqui *dilata-se...*
Camões! —É a poesia.

Nem a critica imparcial tanto exige, nem eu tenho lugar bastante para transcrever aqui todas as estrophes, em que as rimas se me deparam defeituosas e erradas. Cito-te de passagem *queime* e *geme, deixe* e *feche, confesso* e *immenso, cuides* e *virtudes, outro* e *encontro, géra* e *inteira, teimo* e *supremo, prega* e *negra, avaro* e *ara, sêde* e *hei-de, põe* e *foi, vê* e *adorei, inteiro* e *quero,* etc.

E comtudo João de Deus parece brincar com as maiores difficuldades da rima. Para não fallar na poesia *Boas noites,* basta apontar-te aquelle trecho da poesia *O Musgo:*

Um dia, não sei que tinha...
Uma tristeza tamanha!
E lembra-me ir á montanha
Que temos aqui visinha,
Onde em tempo me entretinha
Horas e horas sósinha,
Quando ainda não se estranha
Que n'uma têa de aranha
Se prenda uma innocentinha,
Ou atraz d'uma avesinha
Se cance a vêr se a apanha.

Em metrificação tambem as *Flôres do Campo* nos

offerecem provas de que João de Deus não é, n'este ponto, nimiamente escrupuloso. Assim ficou errado este decasyllabo:

Chamando-os com enternecimento [1],

e aquelle septisyllabo que vai sublinhado:

Que é a torre exactamente
De David n'esses ares,

para não citar passagens como estas:

Adeus tranças côr de oiro,
Adeus peito côr de neve.

Tornaram-se-me em estrellas
As lagrimas de dôr.

Versos ha tambem nas *Flôres do Campo* defeituosos pela disposição dos accentos predominantes. Bastam tres exemplos em versos decasyllabos:

Ha puros sonhos de imaginação.

E eu digo, digo á luz scismadora [2].

Expôz aos coices... leão moribundo.

1 Este verso sahiu errado. Deve lêr-se:

Chamando-os tu com enternecimento.

N. dos E.

2 Tambem não foi assim escripto este verso pelo author. Leia-se:

E eu digo, digo á lua scismadora.

Não tem, portanto, fundamento os reparos do intelligente critico com relação aos dois versos citados.

N. dos E.

Mas um verso completamente errado, e que por certo não sahiu assim da penna de João de Deus, é aquelle

Que fez tremer as abobadas do inferno.

Não é necessario ser author das *Flôres do Campo,* para condemnar um verso tal. Descuido do impressor, e falta de cuidado na revisão, occasionaram aquelle erro, a que de prompto se obviaria com a suppressão de dois *ss* inuteis.

O que para alguem não será defeito, mas que para muitos torna inintelligiveis algumas passagens do livro, é, por vezes o abstruso da idéa, velada por sombras impenetraveis. Dá-me tu, se pódes, a chave d'este enigma:

Oh! ha tres vistas com que as coisas vêmos;
Ha tres razões que as coisas determinam;
Uma a dos olhos; outra a que escondemos
N'isso ante que os álamos se inclinam;
Outra a que dentro no coração temos,
Que os limites do espaço só terminam:
Coube a primeira em sorte á borboleta:
A outra ao homem; a terceira ao poeta.

E quando João de Deus, á vista d'um retrato, exclama:

> És tu! Amo-te e muito! O que fluctua
> Na fornalha que o sopro eterno accende,
> Não beija a mão do anjo que o suspende
> Com mais amor que eu beijo a sombra tua!

Quem é que fluctua na fornalha accesa pelo sôpro eterno? Será o sol?

Especialmente n'aquelle fragmento que principia na pagina 130, mais alguns pontos se me deparam, para cuja interpretação me não sinto com forças. Não te faço mais citações, a este proposito, porque bem póde ser que toda a gente penetre o que para mim é escuro. Demais d'isto, parece-me que o poeta nem sempre tem obrigação restricta de moldar os vôos da sua imaginação pela myopia dos que só podem curvar-se diante das nuvens que velam a sarça ardente...

Agora, vaes talvez esquecer as manchas que divisaste n'esta joia litteraria, para festejares commigo quadros esplendidos de poesia originalissima, rica de sentimento, de graça e harmonia.

Originalidades litterarias, poucos ha, já agora, que n'ellas creiam. Escorre de vez em quando, por ahi uma sanie de novidade tão asquerosa pelas folhas volantes da nossa litteratura de hoje, que os apreciadores de pituitaria melindrosa, não ha quem os desatrelle da sentença de que *tudo o que é novo é mau, e que tudo o que é bom é velho.*

Nihil sub sole novum! — cantava o Gessner bi-

blico, asseguravam os juizes de Galileu, e rouqueja Boileau com os demais amphyctiões da litteratura. Respeitemos o talento; mas aos que duvidam da grandeza do genio, e pedem ao passado a chave do futuro, atiremos-lhe á face com a resposta de Galileu: — *E pur si muove.* —

Admittida a originalidade, moldada pelo bom gosto, devemos saudal-a em João de Deus, o poeta mais original que eu conheço entre os nossos homens de letras. Estudo João de Deus, des que leio versos, e ainda não pude encontrar o segredo d'aquella harmonia tão sua, d'aquella elegancia tão despretenciosa, d'aquelle sentimento que tanto nos captiva a alma, sem sabermos como.

Ou eu me engano muito, ou da poesia de João de Deus me vem uns aromas que não desdizem d'aquella fragrancia que o esposo dos *Canticos* aspirava nos jardins da Sulamite biblica; d'aquella gravidade scismadora que resaltava das cordas do psalterio de David; d'aquelle adejar sublime e vago da aguia de Páthmos. Tranemos agora o mar dos seculos, ponhamos ao lado das *Flôres do Campo* as phantasias de Schiller a Laura, e verás que muitos arrojos do bardo portuguez não desmerecem a companhia dos do bardo do norte.

Mas, sobretudo, o que mais me enfeitiça nas *Flôres do Campo* é aquelle mimo e suavidade que matizam estrophes como estas:

Ah! quando no seu collo reclinado
—Collo mais puro e candido que arminho,—
Como abelha na flôr do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado;

Quando á luz dos seus olhos... (que era vêl-os,
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)
Lia na sua bocca a Biblia Santa
Escripta em letra côr dos seus cabellos;

Quando a sua mãosinha pondo um dedo
Em seus labios de rosa pouco aberta,
Como timida pomba sempre álerta,
Me impunha ora silencio, ora segredo;

.....

Quando em balsamo d'alma piedosa
Ungia as mãos da supplice indigencia,
Como a nuvem nas mãos da Providencia
Uma lagrima estila em flôr sequiosa:

Quando a cruz do collar do seu pescoço
Estendendo-me os braços, como estende
O symbolo d'amor que as almas prende,
Me dizia... o que ás mais dizer não oiço;

.....

Tinha o céo da minha alma as sete côres,
Valia-me este mundo um paraiso,
Distillava-se a alma em dôce riso,
Debaixo de meus pés nasciam flôres.

É assim que João de Deus se recorda da visão

fugitiva que lhe doirou os sonhos de poeta e moço. Mais adiante, parece esquecer o lucto da saudade, mas não perde a doçura da harmonia:

Como os teus pés são lindos! como é dôce
A curva do teu peito!
Oh! se o meu coração fosse o teu leito,
E o teu amado eu fosse!

Que preciosas perolas descobre
Teu meigo, humido labio!
E, virgem! como Deus foi justo e sabio
Em te deixar tão pobre!

.....
.....
Tu não tens mais do que uma pobre saia,
E essa curtinha e leve.

Onde o corpo te alteia, a saia avulta;
Onde te abaixa, desce...
É como a rosa! A rosa nasce e cresce,
Não para estar occulta.

O que te falta, pois? os teus desejos
Quaes são? de que precisas?
Ah! não ser eu o marmore que pisas...
Calçava-te de beijos!

Ao terminar a transcripção d'este mimosissimo trecho, sinto não poder attribuir a João de Deus a chave que o fecha. O aprimorado e suave ora-

toriano Manoel Bernardes já tinha dito na sua excellente *Luz e Calor,* fallando a Jesus menino:

«Menino da minha alma, meu eterno nascido de ainda agora, meu gracioso molhinho de amores perfeytos, minhas bellezas encantadoras do coração humano! faze-me Serafim, para que te ame muito: dá-me limpeza grande em meus labios *para calçar teus pézinhos de mil osculos santos:* deyxa cahir das conchinhas de teus olhos hũa lagryma sôbre meu peyto, etc.» (Pag. 556, ediç. 1724).

Mas que importa isso? Prouvera a Deus que os plagiatos, de qué a litteratura anda eivada, se pautassem por este!

Vivacidade de expressão, galanteria e graça, pódes vêr d'isso um modêlo no madrigal, epigramma, ou como quizeres chamar-lhe, feito *A uns olhos azues:*

Cahe a folha da rosa pudibunda,
Cahe a rosa da face virginal,
Cahe das nuvens a aguia moribunda,
Cahe o sol na montanha occidental.

.....

Cahe do céo a contelha incendiaria,
A nuvem cahe, se um sopro Deus lhe dá,
Cahe ante o dia a noite solitaria
Como o falso Dagon ante Jehovah.

Cahe tudo, flôr! cahe tudo; eu só não cáio:
Mais do que um rei, que o sol, igual a Deus,
Cahir, mulher! só posso á luz d'um raio,
Se elle cahir do céo dos olhos teus!

De vez em quando, o poeta apparece-nos pensador e philosopho; mas, ainda assim, a razão não vence o sentimento:

Irmãs da Caridade! A Caridade
Tem só duas irmãs — a Fé e a Esperança:
Não traja as côres só d'uma irmandade,
Traja as côres do Arco de Alliança;
Leva sósinha o pão da piedade;
Tira da roda essa infeliz criança...

. . . . . .

Mais longe iria eu, se me propozesse transcrever tudo o que nas *Flôres do Campo* se apresenta digno dos mais levantados encomios. Assim, por não alongar em demasia a presente carta, recommendo-te a leitura da *Heresta,* da *Rachel,* do *Ultimo adeus,* da *Marina,* do *Remoinho,* do *Leito nupcial,* da *Innocencia,* da *Joven captiva,* e, muito especialmente, do *Cantico dos Canticos de Salomão.*

Lamennais e Renan haviam traduzido esplendidamente o *Cantico dos Canticos;* João de Deus inspirou-se da pastoral de Sulém, e fez um poema quasi seu: seu pela fórma, pelo colorido, e pela disposição das scenas.

O *Cantico dos Canticos* pertence, como sabes, ao numero dos livros sagrados, e é ponto inconcusso, entre os padres da Igreja, que os desposorios de que falla Salomão exprimem a união mystica do

Verbo incarnado com a natureza humana, com a Igreja e com as almas justas.

Os presidentes da synagoga judaica prohibiam a leitura d'este livro a quem não tivesse mais de trinta annos; e, ainda em tempos do piedoso João Gerson, nem os doutores o liam antes d'essa idade. E de feito nem Theocrito nem Florian deram jámais aos seus idyllios aquelle perfume voluptuoso que, por entre flôres de poesia immorredoira, livremente se respira no idyllio de Salomão.

Theodoro Mopsueste teve o ousio de ligar a esse idyllio um sentido exterior, e não mystico, interpretando-o litteralmente, mas foi condemnado pelo segundo concilio de Constantinopla. Hoje não ha temor de que a Igreja condemne João de Deus, e todos os que separam da poesia o dogma, talvez porque a Igreja, boa mãi, não quer vêr o mundo coalhado de herejes..

E que importam ao leitor as convicções de João de Deus? A alma piedosa que se edificava na contemplação dos amores da Sulamite, pela versão de S. Jeronymo, que perde ella contemplando-os na lingua de Camões? «Para um coração puro, tudo é puro».—É palavra de Deus, com que o poeta se authorisa para trazer a lume a interpretação litteral do *Cantico dos Canticos*.

Já agora, apesar da extensão d'esta carta, deixa-me ainda expôr á tua vista algumas das paiza-

gens mais seductoras d'este paraiso de amor, onde a volupia oriental se escôa semi-nua por ondulantes pradarias em flôr. Ouve:

A SALUMENSE:

Sou trigueira, mas formosa,
Moças de Jerusalem!
Senão, vêde o pavilhão
Que arma em campo Salomão,
Se ha coisa mais preciosa,
E por fóra a côr que tem;
Vêde as barracas dos moiros,
Por dentro tantos thesoiros,
Por fóra, negras tambem.

Não vos dê pois isso pena
Ter assim a côr morena:
Minha mãi mandou-me pôr,
Por culpa de meus irmãos,
De guarda á vinha; o calor
Queimou-me o rosto e as mãos:
E eu, a vinha, é escusado
Dizer-vos que nem eu tinha
Senão agora o cuidado
De estar a guardar a vinha.

Oh! para que banda vás
Com o gado, meus amores!
E pela folga onde estás?
Bem vês os outros pastôres,
E a gente não adivinha.

Eu não hei-de andar atraz
D'esses rebanhos sósinha.

. . . . . .

SALOMÃO

Que enlêvo! que formosura!
A pomba não tem de certo
No olhar tanta doçura:
E fóra o que anda encoberto.

O cabello, em quantidade
E tamanho, é singular;
E não me lembra senão
Das cabras de Galaad
Que lhes roja pelo chão
Em ellas indo a andar.

Os dentes, em tu abrindo
A tua bocca, que lindo!
Nem um rebanho de ovelhas
Todas brancas e parelhas
Quando em sendo tosquiadas
Véem sahindo do banho
D'uma em uma, enfileiradas,
E atraz d'ellas cada uma
Seus dois gemeos d'um tamanho,
Sem ser maninha nenhuma.

Pois a bocca é comparada
A uma fita encarnada.

A voz, ouvil-a é um gosto.
Parte a romã pelo meio
Verás as rosas do rosto;
E fóra no que eu receio
Fallar, que me não é dado.

O pescoço, pensa a gente,
Em o vendo de collares,
Que é a torre exactamente
De David n'esses ares,
De baluartes, e toda,
Lá cima, escudos á roda.

Os peitos, é um casal
De corcinhas, que o seu pasto
São açucenas do valle:
Nada mais timido e casto.
E deitam um cheiro á gomma
Da myrrha mais do incenso,
A ponto que ás vezes penso
Que elles são duas collinas
Por onde aquellas resinas
Espalham aquelle aroma.

Se a esta hora me não accusasses de abuso de paciencia, ainda te repetia toda aquella mimosa *Carta* que principia:

Maria! vêr-te á porta a fazer meia,
Olhando para mim de vez em quando,
É o que n'esta vida me recreia.

Acórdo até de noite, suspirando
Por que rompa a manhã, e tenha o gosto
De te vêr já tão cedo trabalhando.

Desde pela manhã até sol posto,
Que não tens de descanço um só momento;
Por isso tens tão bella côr de rosto!

E eu pallido, Maria! o pensamento
Não é trabalho que nos dê saude,
—Esta imaginação é um tormento [1]!...

Mas... basta. O livro de João de Deus tem defeitos: escaceia a revezes a ligação dos pensamentos, a clareza das idéas, a exactidão do metro, a perfeição da rima, e não metteria uma lança em Africa o linguista que nas *Flôres do Campo* descortinasse, uma vez por outra, impureza e incorrecções de linguagem. Se, porém, eu mirasse a comprovar, n'esta rapida e singela revista, com os versos de João de Deus a sympathia e a admiração que elles me devem, não seria este o espaço que abrangesse tudo o que alli me pareceu filho d'uma inspiração verdadeira e original. Demais, o poeta não lucraria com estas transcripções a esmo, sobre

1 Já que ao generoso critico merece especial menção a *Carta*, advertiremos que o primeiro verso da ultima quadra é assim:

Nas *asas* da ventura atravessando.

não poderes fazer do livro uma idéa exacta, á mingoa de apreciador conspicuo.

Alexandre Herculano diz bem: a critica em Portugal é impossivel. Mas se nós todos cruzarmos os braços diante dos Ananias da litteratura que introduzem a mercancia do encomio, o servilismo e a chocarrice no santuario das letras, quem expulsará ámanhã os vendilhões do templo? Já que me não ouvem, préga tu a estas multidões que não sabem o que amam, nem o que detestam; e praza a Deus que a tua voz não seja a voz do que bradava no deserto.

POST-SCRIPTUM

Bem avisado andei eu, quando, a proposito dos versos obscuros de João de Deus, tive a franqueza de conceder que toda a gente penetrasse o que para mim era obscuro. Os versos nublosos que lá citei, eram, pelo que me dizem, claros como agua. Um amigo nosso, optimo charadista ao que parece, pôz-me tudo em pratos limpos; e, pelos modos, o nosso Œdipo tem artes para desdar o nó aos mais envencilhados enigmas da mais implacavel Sphynge. Ora eu, que respeito o mysterio mas desadoro o enigma, e a quem nunca charadas desvelaram as noites, não pasmei de vêr luz onde se me antolha-

vam trevas. O discipulo amado de Jesus não jubilaria tanto, se visse quebrar os sete sêllos do livro que elle viu na visão do Apocalypse, como eu jubilei quando, a par de outras revelações, soube que o individuo que *fluctua na fornalha accêsa pelo sopro eterno* é o anjo que as lendas piedosas figuram no purgatorio, dando a mão aos que lá se purgam das culpas temporaes para subirem ás regiões do premio eterno.

Pelo que vejo, a decifração não era para fazer suar o cabello; mas confesso-te que, se cem braços eu tivera, como Briareu, para revolver o embotado escalpello da minha critica, cem braços me desfalleceriam diante dos cem olhos d'estes Argos que espreitam maliciosos o rumo indeciso dos mineiros obscuros da justiça e da verdade...

Seguiu-se-me noite de insomnia. Visões estranhas vieram povoar-me o leito. Sobre o meu travesseiro dormiam commigo as magestosas *Torrentes* de Theophilo Braga, livro de que, em seguida ás *Flôres do Campo,* eu contava fallar-te. Por cima de mim, por cima do livro, em torno do meu leito, adejavam uns demoniosinhos, microscopicos como os lilliputianos de Gulliver: uns expediam risadinhas agudas, como de feiticeiras em noites de S. João; outros folheavam o livro e dobravam os joelhos por baixo das estrophes de mais levantada inspiração; estes murmuravam monotono kyrie em

volta do livro, arrancando-m'o da mão, como da mão d'um profano se arranca a hostia sacrosanta; aquelles desfaziam o livro em tiras, entreteciam com ellas uma corôa, e collocavam-m'a na cabeça. Se me voltava para a direita, os da esquerda escouceavam-me com um arreganho diabolico; se me voltava para a esquerda, os da direita afiavam a pequenina dentadura, e arranhavam-me as pantorrilhas. O equilibrio era impossivel: esmagava-me um pesadêlo! Acordei.

Sobre a minha mesa de trabalho estava um livro, notavel pela despretenção e suavidade do estylo, e pelo primor da versificação, sobre ser escripto em portuguez sem mistura; mas apenas no frontispicio li o nome de Antonio Feliciano de Castilho, passou-me pela mente a visão das *Torrentes*, e os lilliputianos da noite acercaram-se do *Medico á força*, reproduzindo os sarcasmos ou as ovações, os afagos ou as mordeduras, consoante as tendencias de cada qual.

Estava entre a bigorna e o martello, entre a cruz e a caldeirinha. Quem me salvaria de posição tão melindrosa? Um esforço supremo: fechar as *Torrentes* e o *Medico á força*, e não aventurar juizo sobre estes notaveis livros.

Suspendo, pois, a revista do anno litterario de 1869, em quanto me vier á idéa aquella visão aterradora. Sinto-me com algumas forças para lu-

ctar com os lilliputianos da visão, mas não me sinto com paciencia para lhes soffrer os motejos e os tripudios, as risadinhas e as beliscaduras. Quero dormir a somno solto, e levar estas noites de Coimbra a sonhar sem pesadêlos, em paz com anjos e demonios, e até com os individuos das mais infimas classes animaes.

Não quero luctar como Chatterton. Chatterton luctou, mas teve depois Vigny que o cingiu de loiros, immortalisando-o. A trôco da immortalidade, ainda eu me atiraria á lucta: vê lá se queres ser o meu Alfred de Vigny [1].

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

FIM

1 *A Folha* (1869), n.º 7, 8, 9 e 10.

INDICE

	Pag.
* * *	1
Olhos azues	3
Quando a luz dos teus olhos contemplo	4
No retrato d'uma menina	6
A	7
Passavas, como rainha	9
Á lua	11
Sol intimo	13
Desdem?	14
Margarida	16
Duvida	18
Dedicação	20
Eu não te posso a ti dizer mais nada	24
Á visinha	25
Rosa mystica	27
Olhar	29
Adoração	31
Ciume	33
Clarão	37

PAG.

* * * 38
N'um album 40
Olhar 42
Feliz de quem sempre espera 47
Nem te vejo por entre a gelosia 49
? 50
Leonor 51
De lucto 54
Psalmo 57
Mãi do céo 59
Padre-nosso 62
Violeta 65
A cigarra e a formiga 66
Avarento 68
Indo-se a casar um gebo 70
Um marido, ardendo em zelos 71
Pires de marmelada 72
Versos d'annos 87
Theatro de Lisboa 89
Epitaphio 92
A monarchia 93
* * * 94
Soneto 95
Aria 96
Ao D. de N. 99
A melopêa de Dorothêa 100
Eu confesso a verdade 105
A D. Pedro II 106
Resposta 107
Sêde de amor 109
Lamento 117
Enlevo 119

Pag.

Sempre! 123
Espera! 124
Adeus 126
Melancolia 128
Sympathia 131
11 de maio 133
Attracção 136
Desânimo 138
N'um album 141
O seu nome 142
Saudade 150
* * * 155
Horacio e Lydia 157
Criticas das *Flôres do Campo* 205

JOÃO DE DEUS

FLORES DO CAMPO

1 volume, 600 reis

NO PRELO:

CARTILHA MATERNAL

OU

ARTE DE LEITURA

1 volume

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
REFERENCE DEPARTMENT

This book is under no circumstances to be taken from the Building

NOV 6 1915

Form 419

ЭФ 1 № 24 1913